

Nome do bairro nasce da força do catolicismo



Foto: Maria Fernanda Inácio

Construída em 1850, Catedral de Santo Amaro
Convive com a expansão urbana de SP **Pág. 6**

EDUCAÇÃO

Biblioteca incentiva a cultura nordestina

Espaço estimula leitura e educação por meio de peças teatrais, cordéis e artes tradicionais **Pág. 22**

ESPORTE

Clube projeta equitação em escala nacional

Hípica reúne amantes da criação de cavalos e oferece projetos sociais à comunidade **Pág. 40**



Foto: Laura Castro

Casos de estupro crescem 85,7% em um semestre

Indicador de violência sexual em 2018 supera o registrado no mesmo período do ano passado **Pág. 11**



Foto: Jonas Kauffman

CULTURA

Samba da Vela, 18 anos de resistência

Festa une música e religião na Casa de Cultura de Santo Amaro **Pág. 36**

EDITORIAL

Histórias paulistanas

Jornalismo de bairro, uma imersão na rotina da cidade

Os bairros paulistanos reservam surpresas àqueles dispostos a investigar notícias que não constam na pauta diária dos jornais impressos.

Observadores atentos deparam-se com um cotidiano singular que compõe a diversidade – social, cultural e econômica – característica da cidade mais populosa do Brasil. Com mais de 12 milhões de habitantes, São Paulo ainda tem muita história para contar.

A partir dessa proposta de explorar a cidade onde vivem, os alunos do 4o. semestre do curso de Jornalismo da Anhembí Morumbi foram a campo em busca de histórias capazes de traçar um perfil do bairro retratado nesta edição do **Observatório SP**. Uma experiência que aliou o aprendizado do fazer jornalístico ao contato com uma diversidade ainda desconhecida.

Como resultado desse trabalho, temos a produção deste jornal laboratório – que, além de proporcionar vivência inicial à rotina desafiadora da profissão de jornalista, traz um retrato da vida de um bairro com seus prazeres

e dificuldades. Da pesquisa à edição, passando pelos processos de apuração e pela reportagem in loco, os alunos atravessam os percalços da prática jornalística, conhecem personagens que traduzem a história de seus bairros e aperfeiçoam técnicas de tratamento de dados e fontes.

As editorias são compostas por reportagens que buscam narrar o perfil de onde vivem milhares de paulistanos que enfrentam as carências próprias de uma grande cidade e, ao mesmo tempo, desfrutam de peculiaridades originadas e mantidas por cidadãos comprometidos com a “casa” onde moram.

Esperamos que as próximas páginas espelhem o dia a dia de Santo Amaro o amadurecimento profissional dos nossos alunos de Jornalismo.

Profs. Maria Cristina Barbosa e Guto Lobato

Professores da disciplina Produção de Jornal – campus Paulista

EXPEDIENTE**Reitor**

Prof. Dr. Paolo Tommassini

Coordenadora do curso de Jornalismo

Prof.^a Maria Cristina Almeida

Professores responsáveis pelo jornal (Santo Amaro)

Prof.^a Maria Cristina Barbosa

Prof. José Augusto Lobato

Design e fotografia

Prof. Rodrigo Moraes

Prof. Guilherme Maciel

O jornal “Observatório SP” é um jornal laboratório sem fins lucrativos feito por estudantes da disciplina Produção de Jornal, 4º semestre, do curso de Jornalismo da Universidade Anhembí Morumbi. Todo o material jornalístico publicado é protegido pela Lei Federal de Direitos Autorais e não pode ser reproduzido, no todo ou em partes, por qualquer meio gráfico, sem a autorização por escrito da coordenação do curso de Jornalismo, sob pena de infração da legislação que zela pela propriedade intelectual neste país. Os textos assinados são de única e total responsabilidade dos seus autores e não expressam necessariamente a opinião do jornal.

Alunos do 4º semestre de Jornalismo (Campus Paulista/Manhã)**História**

Amanda Oliveira, Amanda Pimentel, Bárbara Lima, Daniela Golfeto, Kaline Tascin, Larissa de Barros, Letícia Araes, Maria Fernanda Inácio, Maria Luisa Cappelli, Rafaela Marinho, Tamires Araújo

Educação

Aline de Medeiros, Amanda Vendeiro, Angela Santos, Henrique Lopes, Ian Kobashigawa, Isabela Cordoba, Jennifer Mendes, Mariana Checoni, Pedro Sales, Pierre da Silva, Sabrina Costa, Tallyta Pavan, Thais Correa

Cidades

Amanda Alves, Amanda Schnaider, André Borges, Bruna Zanin, Bruno Santana, Erick Astolpho, João Machado, Jonas Kauffman, Julio Telles, Lucas Campello, Maria Eduarda Pinheiro, Paula Maia, Sílvia Oliveira, Thamyres Kasperavicius

Cultura

Alice Padilha, Clara Caboclo, Fernando Gomes, Lara Provase, Ligia Quaglietta, Luanna Albuquerque, Luana Scorsoni, Luca Palumbo, Nathalia Bueno, Paula Santinati, Tayna Garcia, Vitória Krambeck, Viviane Martins

Esportes

Beatriz Colosio, Guilherme Assumpção, Izabella Macedo, João Loures, João Crispim, Jefferson de Oliveira, Luciano Massi, Laura Castro, Roberto Napoleone

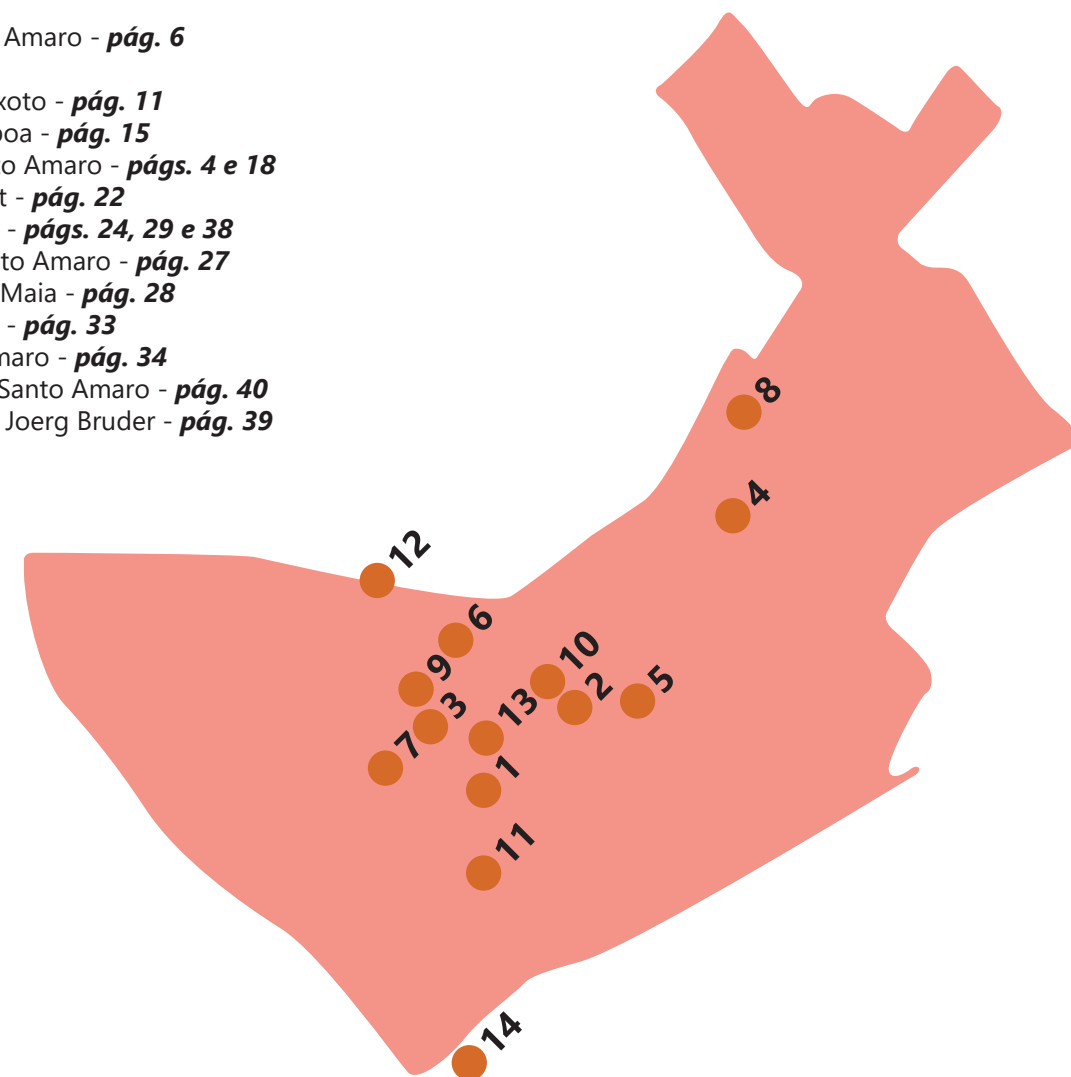
CAMPUS PAULISTA - MANHÃ

Os repórteres

**O CAMINHO DA REPORTAGEM**

Confira no mapa alguns pontos de interesse da Penha visitados pela equipe durante a execução das pautas.

1. Catedral de Santo Amaro - **pág. 6**
2. UNISA - **pág. 7**
3. Praça Floriano Peixoto - **pág. 11**
4. Praça Coronel Lisboa - **pág. 15**
5. Mercado de Santo Amaro - **págs. 4 e 18**
6. Biblioteca Belmont - **pág. 22**
7. Sesc Santo Amaro - **págs. 24, 29 e 38**
8. Happy Code - Santo Amaro - **pág. 27**
9. Biblioteca Prestes Maia - **pág. 28**
10. Teatro Paulo Eiró - **pág. 33**
11. Senac - Santo Amaro - **pág. 34**
12. Clube Hípico de Santo Amaro - **pág. 40**
13. Centro Esportivo Joerg Bruder - **pág. 39**
14. SPAC - **pág. 41**



Mercadão: situação segue indefinida após incêndio

Comerciantes e frequentadores ainda sentem reflexos



Mercado Municipal: paisagem segue degradada. (Foto: Daniela Golfeto)

por **Rafaella Marinho**

Mais de um ano após o incêndio que destruiu o Mercado Municipal de Santo Amaro, na zona sul da cidade, a situação dos permissionários que atuavam no local ainda não foi resolvida.

O espaço foi atingido por um incêndio no dia 25 de setembro de 2017. Meses depois, o ex-prefeito João Doria (PSDB) revelou a intenção de abrir a concessão do local. Em setembro deste ano, porém, nenhuma empresa se interessou em participar do edital de concessão para o novo mercado - caminho esperado para sua recuperação.

Hoje, permissionários continuam trabalhando em uma tenda provisória, doada pela iniciativa privada e montada no estacionamento. Os restaurantes

não conseguiram um lugar por falta de estrutura. “Pela falta de hortifrúti e restaurantes, as vendas e o público diminuíram”, diz Fátima Habimorad, presidente da Associação dos Permissionários do Mercado de Santo Amaro.

A equipe de reportagem visitou o mercado no dia 31 de agosto, na parte da tarde, e percebeu que a estrutura provisória é simples; quase não vimos frequentadores. Para a comerciante Joana Farani, um dos motivos da diminuição do público é a acessibilidade precária, “principalmente para os idosos que são o principal público aqui”. O jornal entrou em contato com a Prefeitura de São Paulo, mas não obteve uma resposta sobre a situação do mercado até o fechamento da edição (leia mais em Cidades, pag. xx).

Histórico

O Mercado Municipal de Santo Amaro foi inaugurado no ano de 1897, mantendo seu funcionamento até 1958. Sua primeira localização foi na Praça Doutor Francisco Ferreira Lopes; no fim da década, fixou-se na rua Padre José de Anchieta. Tombado em 1972 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat), o lugar se transformou na Casa de Cultura de Santo Amaro.

Longa espera gera desistências

por **Daniela Golfeto**

Caroline Marina é ex-permissionária do Mercado Municipal de Santo Amaro. Ela e o marido Flavio eram donos do restaurante alemão Königsallee German Fast Food, dentro do centro comercial.

Königsallee estava no mercadão há sete anos. Caroline, formada em gastronomia, era cozinheira. E Flavio, graduado em administração de empresas, gerenciava o restaurante.

Após o incêndio de um ano atrás, Caroline e Flavio não souberam o que fazer, quando a prefeitura disse que, no local provisório os restaurantes não poderiam ser montados por questão de estrutura “Vamos aguardar e confiar no governo”, expressa Caroline.

A princípio, a prefeitura prometeu containers a esses comércios, mas, após quatro meses, voltou atrás do compromisso.

Após perder a única fonte de renda familiar, o casal enfrentou problemas financeiros. “Ainda hoje há

muitas cobranças”, complementa Caroline. “Nossas filhas foram barradas na porta da escola.”

Com esperança de o Mercado Municipal ser reerguido, Caroline começou a fazer tortas, uma das especialidades da casa, para vender de porta em porta. Com a ajuda da amiga Regina Fernandes, também permissionária, a jovem conseguiu recuperar alguns de seus clientes. “Todo sábado a Carol vinha e vendia muito”. Suas vendas foram de outubro a junho deste ano. “Vendas muito boas”, afirma Regina.

Assim que a prefeitura deu retorno sobre o cancelamento do container e a reconstrução do mercado, Caroline e Flavio decidiram seguir um outro rumo. Ela, o marido e as duas filhas se mudaram para Brunsvique, Alemanha, há quatro meses.

Caroline trabalha em um restaurante de uma empresa do setor automotivo, e Flavio está atrás de emprego. “Aqui tudo funciona corretamente. As meninas estudam num colégio exemplar e de graça”, comenta Caroline. “É um sistema socialista de ajuda à população”, complementa Flavio.

Romarias folclóricas completam 98 anos

Procissão que influenciou o desenvolvimento santamarense se mantém viva na rotina das famílias locais



Sela de cavalo e faixa com brasão dos Cavaleiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora; itens estão expostos no Museu de Santo Amaro. (Foto: Tamires Cristina)

por **Tamires Cristina**

Vestidos feito gaúchos, com calças bombachas, botas e camisas xadrez: assim iam os romeiros rumo a Pirapora. Formavam-se duas filas de cavalos na lateral das ruas; também havia charretes com famílias, que iniciavam uma procissão acompanhando os andores enfeitados com quase todos os santos. Com seus distintivos de romeiros, desfilavam por Santo Amaro e passavam na frente da igreja, onde se encontrava um palanque com as pessoas mais influentes da época e o padre para dar a benção para a viagem.

A primeira romaria foi formada em 1920. A gripe espanhola deixou mais 20 milhões de mortos no mundo todo. São Paulo também sofreu com o impacto da epidemia, mas em Santo Amaro, que ainda era um município independente, houve poucos casos de óbito. Diante de tanta graça, um grupo de quatro comerciantes, liderados por Cenerino Branco de Araújo, resolveu fazer uma penitência em agradecimento, partindo de cavalo até Bom Jesus de Pirapora. A procissão que acontece até hoje é organizada pela Romaria Cavaleiros do Senhor Bom Jesus de Pirapora de Santo Amaro.

Em 1952, por divergências políticas, a Romaria se separou em duas: a liderada por José de Oliveira Almeida Muniz, conhecido como Zé da Farmácia, e a comandada por seu irmão Geraldo de Oliveira Almeida Diniz (Pracinha), criando a Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus De Pirapora. “Independentemente de qual romaria, é passado de geração a geração”, diz Karina Araújo, filha do ex-presidente da Romaria de 1920, Luiz

Antônio da Silva Araújo (Luizão). A tradição é tão grande que, em 2017, foi criado o Dia da Romaria de Santo Amaro, em 21 de abril.

Margareth Marini, hoje presidente da Associação Santamarense dos Romeiros do Senhor Bom Jesus De Pirapora, conta que o laço das famílias tradicionais da região foi de grande importância: “Isso permitiu que formássemos uma grande família.”

Romaria Feminina

Pensando em preservar a história e cultura dos romeiros, foi criada a 1ª Romaria Santamarense Feminina, com a fundação e organização de Vanessa Kempinski, Vanessa Silva, Vanessa Rezende e Simone Carmo. “Por ser novo e por ser diferente, acho que as pessoas aceitaram de uma maneira bem gostosa”, conta Vanessa Kempinski. Hoje, 300 mulheres participam da romaria feminina.

Enquanto, por um lado, as folclóricas romarias do bairro lutam para manter a tradição, por outro tentam lidar com dificuldades, incluindo “a parte burocrática, junto à CET, para liberação das vias públicas”, diz Margareth Marini.

Em nota, a Companhia de Engenharia de Trânsito de São Paulo (CET-SP) diz que “acompanha eventos e manifestações com o objetivo de garantir a segurança dos participantes.” Além disso, “trabalha na orientação e no monitoramento do trânsito para permitir a fluidez do tráfego no entorno dos eventos”. Esclarece, ainda, que “os eventos que são previamente agendados devem fazer a solicitação de acompanhamento.”

Catedral dá nome ao bairro

Santo Amaro, que já foi uma cidade, é uma das regiões mais antigas e tradicionais de São Paulo



Catedral de Santo Amaro construída em 1850. (Foto: Maria Fernanda Inácio)

por Amanda Pimentel e Maria Fernanda Inácio

O dia frio não interferiu na fé dos devotos de Santo Amaro. Ao abrir a porta da catedral do bairro, situada na região do Largo Treze, é possível ver obras de arte da década de XX. As paredes amarelas e o silêncio predominam no ambiente. Ao fundo, é possível ouvir orações e muito clamor. Algumas mulheres usam véu dentro da igreja, uma antiga tradição que simboliza respeito ao sagrado, fazendo com que escondam sua beleza diante da beleza de Deus. Dedos entrelaçados a um terço para firmar seu pedido. Alguns se ajoelham em frente ao altar de Nossa Senhora; outros começam a se assentar nos bancos à espera da missa que já vai começar. A fé, visível nos olhos dos fiéis, transborda o amor ensinado pelo padroeiro da Catedral.

Quem foi

Santo Amaro, que deu nome ao bairro, foi canonizado por pertencer à ordem de São Bento, de quem era discípulo. Certa vez, São Bento teve uma visão de que um jovem iria se afogar e mandou Amaro salvá-lo. Mesmo sem saber nadar, Amaro obedeceu e sem perceber andou sobre as águas e resgatou o jovem. O casal João Paes e Suzana Rodrigues pediu a intercessão de Santo Amaro para se livrar de um naufrágio e, como promessa, iria fazer uma imagem do santo e mandar para o Brasil. Ao se livrarem das águas, os dois pagaram

a promessa e, em 1560, a imagem chegou à capelinha, iniciando assim, a devoção dos fiéis, que perdura até os dias atuais.

Como tudo começou

O bairro teve início com a construção de uma capela no Largo Treze, onde atualmente se encontra a igreja matriz. Com o crescimento da vila, a capela passou por uma transição e, em 1686, foi elevada à condição de paróquia. Só em 1924 chegou o título de Catedral de Santo Amaro, em função do seu tamanho e pela quantidade de católicos que recebe frequentemente. A atual versão da igreja começou a ser construída em 1850.

Até hoje, espaço já passou por três reformas

“Já foram realizadas três grandes reformas na Catedral de Santo Amaro”, explica o Padre Rogério Bhering, pároco da igreja. “A primeira, a construção, em 1600; a segunda construção demorou 70 anos, quase - começou em 1850 e terminou em 1924, só que as obras foram feitas em três etapas”, diz. O motivo principal da reforma foi a conservação do estilo arquitetônico original.

Banca pioneira do Largo Treze resiste à era digital

Proprietários atuais trabalham há 29 anos no mesmo endereço

por Maria Luísa Cappelli

Enquanto caminhava em uma das praças que Santo Amaro coleciona, avistei um senhor que lia um jornal: era interessante a maneira com que ele passava os dedos para não se perder nas linhas que compunham o texto. O sino da igreja posta atrás da banca roubou minha atenção por alguns segundos, que foram o suficiente para que deixasse o senhor partir, sem saber mais de sua história e o que tanto o intrigava na primeira página daquele jornal.

Entrei na banca para perguntar sobre o cavalheiro e lá me deparei com um casal, que me recebeu na banca da mesma maneira que um amigo abre a porta de sua casa; eles eram nitidamente os anfitriões. Por um momento me esqueci daquele senhor e os questionei sobre alguma história que envolvia a banca e a resposta foi feita música para os ouvidos: “Ah, esta é a primeira banca de Santo Amaro.”

Os anfitriões da Banca Largo Treze são Eliza e Hélio Miyazaki – Eliza se autodeclara “santa-amarense da gema”, enquanto Hélio, com seu jeito mais reservado, diz que é do interior de São Paulo. A conversa surgiu como se já nos conhecêssemos e logo eles começaram a falar da banca, da mesma forma que pais falam de um filho.

“Trinta anos é modo de dizer. Para ser exata nós estamos com a Banca há 29 anos”. Eliza diz ter comprado a banca do filho do primeiro jornalista de Santo Amaro. Ernesto Lopes foi o primeiro jornalista de Santo Amaro: vendia jornais de mão em mão.

Eliza e Hélio, todos os dias, levantam as portas da banca e organizam os jornais e revistas que estão no caixote. Os atuais anfitriões falam sobre a metamorfose da sociedade que folheava jornal para a que desliza notícias nas telas de seus smartphones. Reconhecem que a busca pelos jornais impressos caiu, mas negam a morte dessa mídia: “Tem dias que vendo apenas dois jornais, mas tenho certeza que se um dia eu parar de vendê-los, multidões me questionarão sobre eles”.



O jornal de cada manhã. (Foto: Maria Luísa Cappelli)

Universidade nasceu com esforço de moradores

por Leticia Remonte

A Universidade de Santo Amaro (Unisa) teve sua ideia de construção por ideia dos próprios moradores do bairro. A ONG Sociedade Amigos da Capela do Socorro foi precursora no contato com autoridades.

Albany Gandia, presidente da sociedade, demonstrando seu interesse, conseguiu mobilizar a imprensa, que cooperou para que o projeto vingasse. Os jornais Gazeta de Santo Amaro, A Tribuna e Jornal do Brooklin começaram a noticiar qualquer decisão acerca do assunto, curiosos quanto ao futuro da instituição. Com o apoio da mídia, da Prefeitura e de Emil Heininger, dono do terreno doado para as obras, surge a Organização Santamarense de Educação e Cultura (Osec), que em 1994 se tornou oficialmente a Unisa.

O campus no Jardim das Imbuías foi inaugurado em 1970. Com o prédio, surgiu o curso carro-chefe da Osec:

Medicina. Porém, ainda sem estrutura para arcar com os custos e instalações, conveniu-se com a Santa Casa. A partir desta mudança, a procura pelo curso aumentou: prova disso foi o primeiro vestibular da Osec realizado após o ocorrido. Foram 744 candidatos para 60 vagas. Realizado no Ginásio do Ibirapuera, teve 27 mulheres admitidas, sendo cinco delas as primeiras colocadas na lista de aprovados.

Beatriz Gonçalves, aluna do curso de Medicina da universidade, destaca a importância desse fato. “No primeiro semestre, nosso coordenador veio conversar com a turma para nos explicar mais sobre o curso e contou das mulheres aprovadas com êxito no vestibular. Esse dia é tão histórico, que a gente ouve falar como se fosse uma daquelas histórias que nossos pais nos contam, de grandes ídolos, de momentos épicos”, relata. “É realmente muito importante para a história da medicina na Unisa.”

Museu sobrevive com memórias da região

Com espaço cedido pela prefeitura, local conta com doações e trabalho voluntário para se manter

por Bárbara Lima e Kaline Tascin

Construído após um decreto no mandato do ex-prefeito de São Paulo, Celso Pitta, o Museu de Santo Amaro está ligado a uma política municipal que previa que todos os bairros da capital teriam um museu a fim de expandir a cultura local, trazer novas visitas e promover a cidadania entre adultos e crianças. O de Santo Amaro foi o único que sobreviveu ao longo dos anos passados. O lugar é administrado pelo Centro de Tradições de Santo Amaro (Cetrasa), uma ONG que foi fundada em 1970. O local está aberto à visitação todas as terças e quintas, das 14h às 17h.

Armando Fernandes, de 62 anos, que estudou, se formou e trabalha em Santo Amaro, é associado ao Cetrasa desde 2004 e já ocupou diversos cargos na ONG - de diretor de patrimônio a tesoureiro adjunto e secretário geral. O museu tem sua parte interna organizada por salas, como a do artista Júlio Guerra, da Romaria e dos Romeiros, dos arquivos fotográficos e documentação, dos heróis de Santos amaro, das artes e cultura e de antigos ofícios e profissões. Há, ainda, o cantinho da saudade, com objetos domésticos e residenciais.

Santamarense por escolha e dever

José Carlos Bruno, advogado de 79 anos, é santamarense desde que nasceu; viveu, fez e continua fazendo história no bairro. Estudou nas escolas do bairro, se formou em Direito, foi delegado e atualmente é o presidente do museu e também a única pessoa presente nos dias abertos ao público. Ele conta que o intuito da criação do Cetrasa foi justamente manter as tradições do bairro para que a cultura do lugar em que viveu não seja perdida. “Eu me considero o pai do Cetrasa, é muito importante para mim”, conta o fundador do museu.

Por amor ao que faz, administra o espaço desde sua abertura e não mede esforços quando o assunto é arrecadar fundos para as despesas acarretadas pelo lugar. “Precisamos conseguir 20 mil para nosso próximo projeto, e, eu não sei como, mas vou dar um jeito”, promete o presidente do museu.

Como sobrevive o museu

O acervo cultural, que é propriedade pública, tem regras a cumprir. O prédio no qual o museu está instalado pertence à prefeitura e o patrimônio histórico, de forma voluntariada, é administrado por José Carlos Marques Bruno, também advogado, cuida de toda



É de forma democrática a escolha dos cargos do Museu. (Foto: Kaline Tascin)

a parte jurídica do museu e é o diretor de Relações Internacionais, além de administrar o funcionamento burocrático da herança do bairro.

Prefeitura Regional de Santo Amaro cedeu o espaço para a existência dele, mas, por outro lado, “nada mais é feito”. Não fossem as iniciativas de doação, cuidados e colaboradores, diz Gilberto, o museu talvez não existisse. “Ainda passamos por várias dificuldades, e a maior dela reside na ausência de recursos financeiros para as despesas fixas. Isso causa certa instabilidade, pois as eventuais renovações destinadas a permitir o uso do prédio, dependem muito das gestões políticas entre as autoridades públicas.”

Armando explica que, para a parte organizacional do museu, são necessários três pilares: recursos humanos, financeiros e recursos materiais. E desabafa: “infelizmente o descaso é total por parte das autoridades municipais, estaduais e federais”. Quem cuida de todas as negociações, recolhimento de doações e eventos são os membros do conselho do Cetrasa junto com um apoio de mais oito membros voluntários.

Qualquer pessoa pode se candidatar, de modo voluntário. As próximas eleições serão feitas em 2019.

A reportagem tentou entrar em contato com a Secretaria de Cultura do município e com a Prefeitura Regional de Santo Amaro, mas não houve retorno até o fechamento desta edição.

Serviço

Museu de Santo Amaro
Av. Professor Alceu Maynard Araújo, 32 - Santo Amaro.
Visitação das 14h às 17h, de ter. e qui.
Entrada gratuita.

Troféu Botina Amarela prestigia moradores

Há 24 anos, Cetrasa valoriza cultura e costumes da região; prêmio já foi concedido a mais de 200 moradores ilustres

por Amanda Oliveira e Larissa Barros

Quem visita o Museu de Santo Amaro nas tardes de terça e quinta-feira é recebido pessoalmente pelo presidente interino José Carlos Bruno, um senhor de cabelos brancos, terno e gravata. Aos 79 anos, o delegado aposentado afirma que tem o maior prazer em contribuir para a preservação da história do bairro da Zona Sul da capital, o que inclui a premiação mais importante realizada na região: o Troféu Botina Amarela.

Localizado na avenida Professor Alceu Maynard de Araújo, o local passaria despercebido se não fosse por um pedaço de trilho do último bonde de São Paulo, cimentado no chão em frente ao painel pintado por Algacyr da Rocha Ferreira como homenagem a esse marco histórico.

O bonde que circulou por quase cinco décadas fez a sua última viagem no dia 27 de março de 1968. A Linha 101, apelidada carinhosamente de Camarão, prestava serviço do Instituto Biológico, na Vila Mariana, ao Largo Treze de Maio. Símbolo de avanço tecnológico para o século XIX, o bonde transportava personagens fundamentais para a formação da essência do cidadão santamarense, os conhecidos “caipiras da botina amarela”.

Segundo, a historiadora Maria Helena Petrillo Bernardi, o termo “botina amarela” se refere aos antigos sitiantes santamarenses que calçavam botas, feitas de couro de segunda mão, por isso amarelas, para ir à cidade fazer suas compras, e assim eram identificados ao descerem na Praça João Mendes. Em decorrência dessa identidade, em 1994, foi criada pela Casa de Cultura de Santo Amaro a premiação que originalmente recebeu o nome de Botina Amarela.

A idealizadora Andrea Souza, coordenadora geral do Centro de Cultura Municipal e moradora há quarenta anos do bairro, inicialmente queria prestar uma homenagem para as pessoas notáveis de Santo Amaro; para isso, criou uma placa com uma botina impressa que durante três anos homenageou cidadãos. Em seguida, o Centro de Tradições de Santo Amaro (Cetrasa), ONG responsável pela curadoria do museu, assumiu a premiação e deu a ela a forma atual.

Andrea costuma se intitular como piauiense de nascimento, paulistana pelo casamento e santamarense por devoção. Para ela, “ser santamarense é ter o espírito da botina amarela.”

O troféu é o título que representa o envolvimento de pessoas que beneficiam a cultura, a educação e o próprio empreendedorismo de Santo Amaro, independentemente de serem nascidas ou não no bairro.

24º Botinado

O prêmio Botina Amarela já homenageou mais de 200 pessoas e, todos os anos, prestigia moradores da região com o objetivo de agradecer e incentivar os cidadãos a continuar dando sua contribuição para o bairro. Este ano a 24ª premiação aconteceu no dia 30 de setembro.

O ganhador do prêmio deste ano, na categoria família, foi Cenerino Formigoni, que contribuiu com a construção de diversos imóveis, inclusive do Mercado Municipal. Financiou também as reformas na Igreja Matriz e a instalação do relógio na torre.

Gilberto Marques Bruno, diretor de Relações Internacionais, conta que, na 25ª edição do prêmio, haverá apoio da orquestra sinfônica da Ordem dos Advogados do Brasil de São Paulo (OAB-SP) para agregar ainda mais cultura ao evento.

“Vamos aumentar o número de premiados, tendo em vista que os moradores encontram-se cada vez mais empenhados em realizar feitos pelo bairro.”

O Prêmio Botina Amarela é símbolo de tradição, respeito e cidadania, que mantém viva a cultura e o espírito do cidadão santamarense com seu lema: Ideias novas por tradições antigas.



Modelo de troféu adotado pelo Cetrasa. (Foto: Larissa Barros)

Escassez na saúde pública

Situação de UBS em Santo Amaro deixa habitantes sem esperança e causa revolta



Centro de acolhimento de saúde pública (Foto: Amanda Alves)

por Amanda Alves

Com cerca de 207.421 mil habitantes, o bairro localizado na Zona Sul de São Paulo, Santo Amaro, conta com cinco postos de saúde espalhados pelas localidades, dois hospitais públicos e alguns centros especializados. Essa infraestrutura de saúde pública, quando combinada com a oferta privada de serviços, faz da região muito escassa. No entanto, são divergentes em opiniões.

A médica da Unidade Básica de Saúde da Chácara Santo Antônio (UBS) Márcia Aparecida Bueno, analisa a situação do bairro “Aqui em Santo Amaro, acredito que seja melhor que na periferia, porém, ainda falta melhorar um pouco mais”, diz. “Hoje, por como exemplo hoje estou sem espátula. Muitos dias tive que trazer de casa, às vezes um medicamento não está disponível, ai tem que substituir, ou até mesmo uma especialidade médica você não acha aqui, mas esta UBS é muito boa para os casos cotidianos”, explicou a médica.

“Disseram que minha filha nasceu morta, meu mundo caiu”

A história também se repetiu com uma jovem que precisava da maternidade do hospital; ela viveu um susto que traduz os problemas do sistema público da região.

Segundo ela somente uma hora depois informaram que a filha estava viva. “Foi um engano ela estava viva na UTI. Fiquei em choque, pois não sabia qual era a pior incompetência médica. Agora ela já está em casa, por pouco não a perdi, é difícil contar com a saúde pública”. O coordenador do hospital não quis explicar o caso.

A saúde pública é garantida pela Lei nº 8.080 no ano de 1990, porém dentro do bairro as pessoas encontram dificuldades, pois a Prefeitura Regional de Santo Amaro não possui endereços ou números de hospitais de centros de saúde. A dona de casa Solange Recchia Carvalho precisou utilizar o Hospital Pedreira, de gestão municipal para seu pai, e enfrentou dificuldades “A princípio, ele ficou cinco dias em uma grande enfermaria antes de ser internado na observação, havia lugares para sete pacientes, mas tinham dezoito”, diz. “Ali era muito bom, a cada duas horas eles vinham higienizar o local, limpar os pacientes, davam os medicamentos certinho. Mas quando ele foi internado foi mais difícil, eles esqueciam os remédios dele, também os enfermeiros não queriam limpá-lo e dar banho, só faziam isso uma vez no dia”.

Estupro cresce 85,7% no bairro

No 1º semestre de 2018, o registro de casos quase dobrou, em comparação ao mesmo período de 2017



Em São Paulo, centenas de homens e mulheres lideram protesto e pedem o avanço de pautas progressistas na política nacional (Foto: Jonas Kauffman)

por Jonas Kauffman

Estatísticas revelam que o número de casos de estupros tem aumentado na região de Santo Amaro, Zona Sul da capital paulista, o que preocupa quem mora no local. Dados do Portal da Transparência da Secretaria de Segurança Pública do estado mostram que, no 1º semestre de 2017, um total de 7 casos de violência sexual foram registrados no 11º DP de Santo Amaro. Em 2018, o número de casos registrados no mesmo período subiu para 13, um aumento de 85,7%.

A ocorrência de estupros de vulneráveis, ou seja, quando o crime é cometido contra adolescentes menores de 14 anos ou pessoas que não podem oferecer resistência, também chama atenção pelo número. Somente no 1º semestre deste ano, houve cinco casos.

A reportagem do **Observatório SP** foi às ruas do distrito com a difícil tarefa de encontrar

depoimentos de pessoas que já sofreram esse tipo de crime e ainda tentam superar as marcas da violência. Entrevistamos uma jovem de 20 anos, por motivos de segurança, não iremos identificá-la na matéria. Ela nos conta que foi vítima de estupro quando ainda era uma criança, com apenas 5 anos de idade. O crime bárbaro teria acontecido dentro de sua casa e foi cometido por uma pessoa que jamais levantaria suspeitas de seus familiares: o seu próprio primo.

Após nos contar o que vivenciou, a vítima também fala sobre a sua desesperança em enxergar no futuro, uma solução para esses crimes que tanto intimidam a população. Para ela, “apesar do absurdo, esses casos acontecem cotidianamente e não parecem mais causar tanta indignação nas pessoas, infelizmente.”

“A sociedade brasileira passa por um profundo processo de retrocesso. Sem educação sexual, debates e a conscientização nas escolas, cenários como este só tende a aumentar”, afirma a historiadora e socióloga Máira Machado. Segundo ela, os alarmantes casos de estupro, na maioria contra mulheres, crianças e adolescentes, mostra uma sociedade patriarcal. “Sou professora e vejo como o machismo e a submissão da mulher é algo presente e encarado como natural”, comenta.

De acordo com a historiadora, o Estado deveria ser responsabilizado pelos crimes de violência sexual, inclusive pelos que ocorrem dentro de casa. Em sua opinião, a única maneira de combater esse tipo de violência é por meio de investimentos em políticas públicas, como educação e saúde, além da criação de casas de apoio que ofereçam atendimento e amparo psicológico às vítimas. “Discutimos muito sobre punição, mas não percebemos que vivemos em uma sociedade onde o nível cultural é muito baixo, principalmente entre os setores mais pobres”, afirma.

A Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo afirma que “o aumento das estatísticas de criminalidade podem estar refletindo flutuações causadas por práticas policiais mais ou menos intensas, por modificações de ordem legislativa ou administrativa”. Ou seja, o aumento dos dados de criminalidade não deve, necessariamente, ser interpretado como uma piora na segurança pública. “Ao contrário, nos locais onde é grande a cifra-negra [porcentagem de crimes], o aumento nos crimes notificados é considerado um indicador positivo de credibilidade e performance policial”, declara o órgão do governo estadual.

Calçamento precário complica vida do pedestre

Moradores e comerciantes cobram solução da prefeitura

por Maria Eduarda Pinheiro e Tiffany Kimura

Calçadas estreitas e irregulares, menores que dois metros de largura - como estabelece a lei -, buracos, calçamentos quebrados, depósito de entulhos e resíduos comuns, raízes de árvores, carros estacionados e até vendedores ambulantes. Fica cada vez mais difícil para os pedestres caminhar com segurança no bairro de Santo Amaro. Na rua Barão do Rio Branco, muitas vezes, o pedestre é obrigado a trafegar pela via de rolamento, correndo risco de ser atropelado. Tarefa complicada é sair ileso das “armadilhas” que trazem risco à população.

Cadeirante há dois anos, José Pereira Simões, de 78 anos, encontra diversos problemas em se locomover pela região. No fechamento de um cruzamento, Simões teve dificuldades para descer da rampa de acesso para calçadas. Precisou que uma mulher o ajudasse. Ele conta que precisa da ajuda de pessoas todas as vezes que anda por ali.

A Companhia de Engenharia do Tráfego (CET) criou em abril o programa Vida Segura para investir em políticas de conscientização, melhoria na sinalização viária e prevenção de acidentes. O programa inclui projetos como o Pedestre Seguro. Com ele, houve um ajuste de 20% no tempo de sinalização do pedestre, a fim de garantir sua segurança. A CET calcula o tempo de cada semáforo com base no tipo de via, características estruturais, volume de veículos e pedestres e registros de acidentes.

Cuidados

O morador Cristiano Mota, 25, relata que muitos deficientes físicos tentam se locomover sem sucesso. “Toda quinta-feira, por volta das três horas da tarde, um casal de cegos caminha pela calçada da Catedral de Santo Amaro (próximo ao metrô Largo Treze). Ajudo acompanhando-os até o final do calçadão”. Características dos pisos, materiais de revestimento, inclinações e desníveis são mínimos detalhes, porém fazem a diferença.

Muitas calçadas não suportam o fluxo de pessoas em alguns horários. A solução: alargá-las. Isso já está sendo feito em alguns lugares. A Prefeitura de São Paulo determina, desde que uma lei foi sancionada em 2013, que toda calçada deve ter largura mínima de 1,90 metro, sendo 1,20 metro para passagem de pedestres e 70 centímetros para árvores, postes e rampas de acesso.

A reportagem visitou o bairro ao longo do mês de



Pessoas com dificuldades de locomoção são as principais afetadas; corte de verbas afeta manutenção das calçadas. (Foto: Tiffany Kimura)

setembro, em quatro datas diferentes. Notou-se que as calçadas estão desniveladas; alguns pedestres que passam pela região afirmam que presenciaram muitos acidentes, falhas e até mesmo bueiros com tampas em péssimas condições, possibilitando quedas e até mesmo óbitos.

Ao longo de muito tempo, as calçadas, consideradas vias públicas, eram de responsabilidade do poder público. Apesar do espaço destinado para pessoas que transitam a pé, a calçada é de responsabilidade do proprietário ou ocupante do imóvel, sendo dele a obrigação de conservá-la nos moldes da Lei 16.292/97, que define um molde específico para tipos diferentes de via.

“Se você andar pela região de Santo Amaro, vai encontrar muitos buracos. Tem gente que cai e se machuca”

Sobre os problemas apresentados nas calçadas, a subprefeitura de Santo Amaro informou que faz vistoria nas vias de passeio, porém houve queda no número de funcionários que fiscalizam devido ao corte de verbas. “A fiscalização é prestada ao constatar a irregularidade e notifica-se o proprietário. Deste modo, ele tem 60 dias sob pena de multa com base na Lei 15.733/2013 para a regularização”, afirmou a assessoria do órgão, em nota enviada ao **Observatório SP**.

Metrô expande presença no bairro

Novas estações facilitam deslocamento dos usuários ao centro



Novas estações devem aumentar fluxo de passageiros. (Foto: Bruna Zanin)

por Bruna Zanin

A Linha 5-Lilás da Companhia do Metropolitano de São Paulo (Metrô) conta com um total de dezessete estações, uma delas ainda não inaugurada. Com um total de 274 mil pessoas por dia, facilita a vida dos usuários que precisam ir e vir da região central. O metrô leva de trinta a quarenta minutos para concluir o trajeto inteiro da linha - e boa parte dele está nas imediações do bairro.

A estação que mais tem movimento, não importa o horário, é Santo Amaro; por lá, dezenas de milhares de usuários podem fazer baldeação gratuita com a Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM). A demanda da população trouxe, com pelo

menos quatro anos de atraso, a expansão do ramal, para que facilite a vida de moradores e trabalhadores. A aposentada Dirce Marini vê benefícios na expansão. “Eu levava uma hora e meia para sair do alto da Boa Vista até Santa Cruz, mas com a inauguração das novas estações do metrô eu chego em quinze minutos”. O único problema relatado pela aposentada é o deslocamento na estação: “muitas escadas para descer, fiquei meio perdida lá dentro.”

Ao conversar um pouco com um segurança da Linha 5 sobre o andamento das obras, notamos que mesmo funcionários não sabem muito claramente quando será entregue a última estação restante (Campo Belo). De acordo com ele, que pediu para não ser identificado, “não deve demorar muito”. A equipe de reportagem tentou entrar em contato com o Metrô, mas não teve resposta.

Rumo à privatização

Há pouco mais de um ano, a Linha 5-Lilás passou a ser administrada pelo consórcio Via Mobilidade, protagonizado pela Companhia de Concessões Rodoviárias (CCR); com isso, o metrô de São Paulo passa a ter duas linhas sob concessão. A CCR expande sua atuação em mobilidade, pois a empresa já é concessionária da Linha 4-Amarela.

Do bonde elétrico ao ônibus

por Bruno Santana

Em sintonia com as mudanças no transporte público ao longo do século XX, a Prefeitura de São Paulo decidiu substituir o bonde elétrico pelo ônibus em 1968. O último dia desse sistema na cidade foi em 28 de março do mesmo ano, com a linha 101 - Santo Amaro.

Segundo o morador do bairro Estanislau Rybczynski, a empresa canadense São Paulo Railway, Light and Power Company Limited inaugurou a primeira linha do bonde elétrico de São Paulo no ano de 1913. Na época, a estrada de ferro saía da Sé e terminava seu trajeto em Santo Amaro.

Marcos Virgílio da Silva, doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP), relata que a extinção dos bondes ocorreu porque a prefeitura recusou uma proposta de manter o monopólio dos transportes públicos da companhia Light. Em 1947, a recém-criada Companhia Municipal de Transportes Coletivos (CMTC) assumiu as linhas deste meio de transporte, porém a sua manutenção e a expansão necessárias eram superiores à capacidade financeira da prefeitura. O ônibus era a melhor opção pela agilidade

(bastava haver vias pavimentadas) e capacidade de enfrentar o relevo paulistano. Silva diz que a troca foi uma solução que atendeu de forma rápida, porém improvisada, ao crescimento da cidade. Em termos de eficiência, diz o especialista, seria mais vantajoso investir em modais de alta capacidade, especialmente o transporte sobre trilhos, fazendo com que o transporte por ônibus fosse somente suplementar e não o principal meio de transporte público. A mesma tendência se consolidou em cidades europeias como Madrid, Lisboa, Amsterdam, Cracóvia, Praga e Milão.

O arquiteto afirma que “a mobilidade é uma questão que se associa ao uso do solo”. Ele sugere reduzir as distâncias, especialmente entre moradia e trabalho, para que se amenize a necessidade de transporte de alta capacidade. Outra medida é levar moradia para o centro expandido e emprego para as periferias. A combinação e integração de vários modos de mobilidade (trem, metrô, ônibus, até as ciclovias/ciclofaixas), segundo ele, ajuda a desafogar o trânsito ao oferecer alternativas de deslocamento mais saudáveis, baratas e às vezes até mais rápidas do que o transporte individual.

Projeto inclui imigrantes no mercado de trabalho

Em parceria com empresas, instituição auxilia estrangeiros a encontrar uma vaga de emprego

por **Amanda Schnaider**

O “Projeto Incluindo Além das Fronteiras”, criado em 2015, pelo Núcleo de Aprendizagem Profissional e Assistência Social (NURAP), integra e inclui os imigrantes no mercado de trabalho do Brasil. Inicialmente, somente os jovens refugiados ou filhos de refugiados eram auxiliados. Porém, com o tempo, toda e qualquer população estrangeira começou a ser ajudada.

Começaram o trabalho com aqueles mais necessitados, focando naqueles vindos do continente africano, por meio de parcerias com o Consulado da Nigéria e com a ONG África do Coração. Também se associaram à uma comunidade de haitianos da zona leste de São Paulo.

Segundo a coordenadora pedagógica e de projetos do NURAP, Ágata Dourado, de 42 anos, os membros do projeto fazem um trabalho de conscientização junto às empresas sobre a possibilidade de contratar imigrantes e refugiados. Para isso, pesquisaram tudo o que o Brasil já oferecia para essa população, dentro da questão de empregabilidade. “Encaminha-los foi um grande desafio”, diz.

O projeto conta com palestras e workshops com conteúdo destinado tanto à população estrangeira que necessita de ajuda quanto às empresas. Os temas das palestras vão desde cultura brasileira e



mundo do trabalho até saúde e bem-estar. “Montamos cursos para capacitar aqueles que nos procuram”, diz a coordenadora de projetos da organização.

Nurap

A entidade social sem fins lucrativos trabalha com programas e projetos para atender pessoas de alta vulnerabilidade na questão da empregabilidade, geração de rendas, empreendedorismo e capacitação profissional.

A organização nasceu no distrito de Santo Amaro e, antes de levar o nome NURAP, era chamado de Camp Santo Amaro. A sua ideia inicial era empregar os adolescentes e jovens menos assistidos, vindos de famílias com menor poder aquisitivo e social, para que pudessem movimentar a economia do bairro. Porém, com a procura de pessoas vindas de outras regiões, montaram polos espalhados pela cidade.

Segundo a coordenadora de projetos da instituição, hoje em dia, Santo Amaro tem uma comunidade muito grande de pessoas de outros países, entre eles, existem aqueles que trabalham como ambulantes no Largo Treze de Maio, importante centro comercial da cidade. O equatoriano, Maurício Potosí, de 28 anos, veio ao Brasil em busca de melhores oportunidades de trabalho.

“Lá [no Equador] é muito difícil para trabalhar, principalmente para quem não estudou”

Potosí mora no centro da capital, mas decidiu trabalhar em Santo Amaro pois acredita que a concorrência no bairro é menor que na região central.

A história da imigração para o bairro começou há tempos. Segundo o presidente do Centro de Tradições de Santo Amaro (Cetrasa), José Carlos Bruno, de 79 anos, o bairro possuiu a maior concentração de imigrantes alemães durante o período colonial. Entretanto, o que antes era uma imigração de colonização do País, hoje, é aquela de pessoas que vêm fugidas de guerras, perseguições políticas e religiosas, ou até mesmo, em busca de uma condição de vida melhor, como é o caso de Potosí.

Instituição social abriga deficientes intelectuais

Manter parceria com órgãos públicos se mostra uma tarefa complicada para organizações como o lar Nova 4E

por **Erick Astolpho**

Nascido há 51 anos, na Mooca, o lar Nova 4E é uma entidade especializada sem fundos lucrativos que chegou na região de Santo Amaro em 2016. A organização é responsável por Residências Inclusivas (RI), fazendo com a prefeitura, o serviço de acolhimento de jovens e adultos com deficiência intelectual. O objetivo da organização é a integração destes no âmbito social, proporcionando cuidados, oficinas e moradia.

Segundo a assistente técnica da casa e funcionária da organização há 9 anos, Ana Paula Braga, o serviço da Nova 4E funciona como uma empresa terceirizada. A prefeitura, manda uma verba mensal para a residência. Com esse dinheiro, são pagos os salários dos empregados, as contas, os produtos necessários, treinamentos para funcionários, entre muitas outras coisas. Porém, a pedagoga deixa bem claro qual é o problema:

“Posso te garantir que [essa verba] não cobre tudo o que precisamos”

A organização tem que se virar sem depender tanto dessa verba. A situação é ainda mais desesperadora quando o pagamento atrasa, o que não é tão incomum.

Não só financeiramente a Prefeitura de São Paulo se faz presente. Órgãos de assistência social também encaminham os novos moradores e organizam o cadastro de candidatos nas vagas disponíveis. Numa fila de espera, estes aguardam por um espaço que abre apenas em caso de retirada de um usuário do programa pela família, passagem da idade aceitável de 59 anos e 11 meses ou morte.

Em 2009, quando foi inaugurado em Santo Amaro, o lar era de responsabilidade da Casa de Isabel e gerenciado pela área da saúde da prefeitura, não da assistência social, como é hoje. Ou seja, era um hospital psiquiátrico. Tudo mudou com a reforma dos manicômios, retratada fielmente por Daniela Arbex no livro “Holocausto Brasileiro”, que fez com que esses deficientes fossem olhados de uma forma mais justa e humana.



Funcionamento

O tradicional bairro aloja duas unidades do lar, cada uma delas com dez moradores. A serviço deles, 34 cuidadores se dividem em turnos para estarem por perto 24 horas por dia. Além dos cuidadores, contam com psicólogo e terapeuta ocupacional. Esses moradores (de idades entre 18 e 59 anos) têm uma rotina básica: vão para a escola, onde recebem cursos de educação especial inclusiva; vão a núcleos especiais, onde realizam diversos tipos de oficinas; realizam atividades pelo bairro e também na própria casa.

A convivência com deficientes intelectuais requer muita responsabilidade. Os usuários do lar mostram uma realidade que os moradores da rica região do Alto da Boa Vista não estão acostumados. “Alguns vizinhos se sentem incomodados”, afirma a assistente técnica Braga. Até abaixo-assinado pra tirar o lar dali já existiu. Nada feito. No entanto, alguns moradores apoiam o projeto e até ajudam com doações.

Aliás, doações são sempre muito bem-vindas, como exalta Débora Iacono, gerente dos lares de Santo Amaro. Seja comida, dinheiro, roupas, móveis, etc. Uma loja maçônica envia produtos todo mês. O hospital São Cristóvão também já fez grandes doações. Este, no caso, mantém parceria importante com o lar, pois sempre atende gratuitamente os moradores quando precisam. Para participar do projeto e fazer uma doação, basta acessar o site da Nova 4E.

Moradores pedem mais áreas verdes

Segundo maior pólo comercial da capital possui cobertura vegetal abaixo da meta internacional

por **Lucas Barbosa**

O cotidiano do cidadão paulistano é quase sempre o mesmo. Deslocamento ao trabalho, uso de transporte público, correria para cumprir os horários... Na maior metrópole da América Latina, o número de carros que circulam por dia é de, aproximadamente, 3,8 milhões, sem contar os mais de 17 milhões de usuários dos trens e ônibus da capital. Nesta agitação, o tempo para lazer acaba ficando esquecido e só é lembrado aos fins de semana ou feriados.

Não é o caso do engenheiro Miguel de Afonso de 52 anos, morador de Santo Amaro, que, todos os dias pela manhã, escolhe o Parque Severo Gomes na região para corrida e lazer. Quando questionado, Miguel aponta uma satisfação com a presença do parque, mas denuncia a falta de mais investimentos em áreas verdes pela região sul. “São poucas, não há espaço para que a população tenha uma rotina diferente e saudável.”, diz o engenheiro.

Esta é a indignação de muitos outros moradores que não se preocupam apenas com lazer, mas também com a qualidade de vida que desfrutam. Segundo Rosélia Mikie Ikeda, diretora do Departamento de Planejamento Ambiental da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, a cidade de São Paulo tem quantidade de área verde por habitante considerada boa, porém, má distribuída pelo território, e por isso, mais de dois milhões de metros quadrados de áreas verdes públicas foram instalados nos últimos oito anos.

Porque deixar mais verde?

Por conta da má distribuição, a realidade de algumas regiões fica abaixo da média estipulada pela OMS, mesmo que a capital ultrapasse o valor. Com mais de 200 mil habitantes, Santo Amaro possui apenas 2,26m² de áreas verdes por habitante, ficando abaixo dos 12m² estipulados. Os indicadores do site Rede Social de Cidades classificam a região como ruim em relação a outros bairros que atingem o esperado, como Parrelheiros.

Rosélia explica a dinâmica para seleção dos lugares que receberão zonas verdes, “Primeiramente, há diversos fatores a serem considerados para a escolha dos locais, como disponibilidade e obtenção de espaços, custos envolvendo a aquisição, pedidos da comunidade local e vereadores, distribuição logística e principalmente a função ambiental dos parques”. A Secretaria também apontou um projeto urbanístico em processo de aprovação, o Arco Jurubatuba, que visa o desenvolvimento urbano da região, recuperando os sistemas ambientais. A organização acredita que as obras do Arco ajudarão o distrito a se posicionar mais perto da linha da OMS.

Maria Lúcia Guardani, gerente da Divisão de Qualidade do Ar da CETESB, valoriza os benefícios de áreas verdes, mas deixa claro que elas não contribuem diretamente para diminuição dos poluentes da zona sul. “O parque é necessário para um conforto, até mesmo de umidade e nós temos poucos. Não digo por conta da poluição, mas porque é um direito da população ter um espaço fora das fontes poluidoras para que ela faça atividade física ou vá passear”, conclui.



Praça principal do bairro interditada (Foto: Lucas Barbosa)

Lixo reciclável gera renda

Trabalho diário de catadores também ajuda meio ambiente



Cotidiano de recicladores próximo aos polos comerciais (Foto: Sílvia Oliveira)

por **Sílvia Oliveira**

Com 59 anos, baiano e morador de São Paulo há 20 anos, Edilson José da Silva é catador de material reciclável e puxa carroça para garantir o sustento de sua família. Silva revela que, por não conseguir atuar como pedreiro, encontrou na reciclagem um emprego digno e que com o qual consegue fazer em média R\$ 150,00 por dia. Embora esteja colaborando com a limpeza do bairro, ele diz que ninguém reconhece isso. Hoje, como “autônomo”, como é visto pelo ferro-velho, e sem direitos trabalhistas, ele tem um desejo: “Logo, estarei me aposentando, como pedreiro, e quero ter uma aposentadoria digna”.

A rotina de Silva, motiva a ONG Pimp My Carroça, que surgiu em 2007, idealizada pelo ativista paulistano e grafiteiro Mundano, busca tirar o catador de material reciclável da invisibilidade, conquistar para esses profissionais o reconhecimento trabalhista e conscientizar a população da prestação de serviço ambiental. Estima-se que a organização já ajudou aproximadamente 1400 pessoas por intermédio de doações.

O projeto promove ações de inclusão e luta pela legalização da atividade, segundo João

Bourroul, assessor da instituição, “a luta é pela regulamentação por parte do setor público, porque o governo não quer se mexer, pois a situação está cômoda para eles desse jeito, com um monte de cara fazendo o trampo deles de graça”. Para ele, essas pessoas que vivem num contexto vulnerável e a situação ambiental, deveriam ser alvo de mais compromissos das políticas públicas.

A ONG também visa melhorias no repasse do material recolhido, auxiliando assim às cooperativas que, são locais de armazenagem e venda dos recicláveis, compostas pela união desses catadores. Lá também é feita a divisão dos lucros obtidos somente entre os carroceiros, sem que passe pelos atravessadores, como são chamados os ferros-velhos. Essas uniões de catadores resultaram de uma necessidade comum: uma organização que os permitissem comercializar um grande volume de cargas sem que, para isso, seus lucros sofressem desvios.

Ainda não há uma cooperativa na região de Santo Amaro atendida pelo projeto, por isso, Silva repassa suas viagens ao ferro-velho gerenciado por Marcos Pastorela, que fornece a carroça para seu trabalho. Pastorela reconhece o esforço e a importância de cada catador, mas afirma que o repasse dos lucros são tabelados pela proprietária do local.

Vocação para comércio é marca do bairro

Regiões como o Largo 13 movimentam economia local

por João Machado, Thamyres Kasperavicius e André Borges

Um dos maiores atrativos de Santo Amaro é seu comércio, e dentro dele se destaca o negócio ambulante, que ocupa grande parte do espaço. Não se deve confundir o comércio ilegal com o negócio informal. Enquanto um é a prática da venda de mercadoria ilícita, a outra se trata apenas de trabalho não registrado.

Socialmente, o comércio ambulante é responsável por grande fluxo de pessoas na região e principalmente na área do Largo 13 de Maio, que é movimentado desde que o bairro ainda era um município. Destaca-se, principalmente, a comercialização de artigos para casa e cigarros.

O professor de macroeconomia da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP) Carlos Cabral destaca que o comércio ambulante evidencia a facilidade do negócio informal de se sustentar se comparado ao formal (registrado). Aponta, também, que o motivo da existência do ambulante seria, além da demanda do produto rápido e barato, a dificuldade de se encaixar nos padrões de qualificação do mercado de trabalho.



Comércio ambulante, Largo Treze de Maio. (Foto: André Borges)

“Obviamente, a informalidade consegue, em tese, oferecer um serviço mais barato, pois tem uma estrutura menor. Ela não paga aluguel e não contribui, e via de regra não possui funcionários, é um comerciante autônomo”, afirma o economista. Porém há a vulnerabilidade por se estabelecer

na rua, correndo o perigo constante de perda de mercadoria por causa da fiscalização da polícia. Além de tudo, a renda não é garantida.

Somando-se a isso, há um vínculo afetivo dos moradores do bairro e dos consumidores com o comércio ambulante. “O Largo 13, por um lado social, é muito pulsante, é relação social na veia”, diz Carlos Cabral.

Atraente para pechinchar

O cruzamento da rua Tiago Luz com a Praça Floriano Peixoto atrai multidões todos os dias, onde se localizam diversos comércios, desde lojas de roupas e acessórios até barraquinhas de produtos artesanais.

Muitos vêm de longe para o Largo Treze em busca de pechinchas e coisas mais baratas, como é o caso de Marta de Paula, 18, divulgadora externa: “eu compro roupa, produtos de higiene pessoal, até comida. Sempre quando eu ‘tô’ com um dinheirinho compro as coisas aqui, porque é mais barato do que onde eu moro.”

Já para Thiago de Camargo, 33, gerente geral de vendas, a região tem algo especial: “Aqui tem bastante diversidade de lojas, tem produtos bons, é cheio de pessoas. Gosto daqui porque tem um clima nordestino, um traço nordestino”, disse Thiago. “Compro de tudo: roupas, sapatos, roupa pro meu filho, utensílios para minha casa, considero que aqui é maior do que o centro de São Paulo.”

Ivone Carneiro, 58, mora no Capão Redondo, é artesã e faz bonecas caracterizadas de princesas e vilãs famosas. “Antes eu era mensalista, trabalhava em comércio, depois eu adoeci, aí eu fui pra Caixa (Econômica Federal), depois me mandaram embora, e hoje eu tenho mobilidade reduzida. Procurei o que fazer”, concluiu.

O também artesão Raphael Viana, 33, sai de São Mateus, na Zona Leste de São Paulo, para vender seus letreiros de madeira desde 2013. “Desenho desde criança, só que artesanato com madeira faço há um ano e meio, apenas”, relatou. Ele explica sua rotina: “Trabalhava aqui, antigamente, com objetos da 25 de Março, só que com o corre da polícia, do ‘rapa’, desenvolvi um artesanato, tirei a carteirinha e posso trabalhar”, falou. Sustentando a esposa e os três filhos, o estudante de Ciência e Tecnologia com ênfase em Matemática dá a sua opinião sobre a região: “Aqui tem muito ladrão e lá na 25 (de Março) também, mas aqui chega a ter mais. Só que o roubo de mão leve, batedor de carteira, é maior”, opinou.

Mercadão segue em espaço improvisado

Comerciantes reclamam da falta de interessados pelo local



Mercado de Santo Amaro continua destruído (Foto: Julio Telles)

por Paula Maia e Julio Telles

Após um ano do incêndio do Mercado Municipal de Santo Amaro, os comerciantes ainda estão alojados em uma tenda provisório, no estacionamento do antigo mercadão. O incêndio que ocorreu na madrugada do dia 25 de setembro de 2017 destruiu 60% do local, mas ninguém se feriu.

“Aqui ficou mais difícil para as pessoas entrarem, pelo desnível do chão, o espaço ficou menor, antes eu tinha mais vendas, hoje as pessoas que frequentam aqui ou são moradores ou pessoas que procuram coisas bem específicas” disse a comerciante Joana Farani.

Os comerciantes também reclamam da queda de vendas e do prejuízo que o incêndio causou, como disse a dona do açougue, Márcia Martins Rosa “As vendas de todo mundo caiu 40% a 50%, eu perdi tudo no dia. Estamos instalados aqui provisoriamente e a concessão para restaurar o Mercado não tem interessados então não temos previsão de quando sairemos daqui.”

O edital de concessão foi feito pelo prefeito João Doria, que até agora não possui interessados (para saber mais leia a editoria de História na pág. 04). Além da queda das vendas, muitas lojas não foram para as tendas, como restaurantes, caindo o número de visitantes do local.

Mais de um ano após o incêndio, o mercado de Santo Amaro permanece destruído.

Na madrugada do dia 25 de setembro do ano passado, o Mercado de Santo Amaro foi atingido por um incêndio que destruiu mais da metade do local, deixando 24 estabelecimentos em chamas. Os comerciantes foram realocados em uma tenda, ao lado do antigo mercado, no estacionamento do local anterior.

Houve significativa redução no espaço disponível para os boxes, resultando também na diminuição do movimento dos comércios, e os donos das lojas ainda lutam para manter seus investimentos de pé. Ainda não há previsão para a reconstrução do local pela falta de interesse no projeto de concessão oferecido pela prefeitura.

“Nós (comerciantes) chegamos a uma conclusão: nós vamos tentar sair da concessão, e pedir para que a prefeitura reforme e devolva o prédio”, disse José Manuel Serra, dono da Bomboniere Peteka.

O galpão existe há 60 anos, desde 1958, e mais de um ano após o incêndio, o local continua destruído, ainda com pedaços do telhado caindo, resquícios dos antigos comércios, fachadas derretidas, e agora com plantas crescendo entre os rejuntos do piso, sem sinais de interdição ou reforma, prejudicando vendedores e clientes.

Espaço Braille facilita acesso a informação

O projeto pertence ao Senac e é aberto a toda população



Parte do acervo disponível aos usuários do espaço. (Foto: Amanda Vendeiro)

por **Amanda Vendeiro**

O Espaço Acessibilidade, ou Espaço Braille, faz parte da biblioteca do Centro Universitário Senac, nas unidades de Santo Amaro e Aclimação. Inaugurado em 2004, o projeto conta com diversos equipamentos e infraestrutura para facilitar a vida e o acesso à informação de deficientes visuais, não só aqueles que frequentam os cursos oferecidos pela Instituição, mas de toda a comunidade.

A pedagoga Camila Franzin, responsável pelo espaço, acredita na importância de seu trabalho em meio todas as dificuldades enfrentadas por esse público: “A gente faz muita diferença, pois são poucos os lugares que oferecem esses serviços, e se trata de um trabalho bem pontual e necessário. Nós atendemos outras escolas transcrevendo provas, cardápios de hotéis e restaurantes, e até folhetos de missas, muitas pessoas recorrem à nós, e eu acredito que a gente ajuda muito!”. Além de todas as atividades gratuitas, os alunos do Senac recebem ajuda durante o curso. Franzin exerce também a função de leitor, e fica responsável por ler provas e trabalhos, auxiliando o aluno quando necessário, facilitando a vida deles e dos professores.

O espaço é equipado e preparado para todas as situações que rondam o universo dos deficientes visuais, com impressoras braille e de relevo, jogos e materiais que auxiliam no ensino do alfabeto

braille (alfabeta), computadores com softwares adequados, digitalização de materiais impresso e transformação de arquivos para áudios em formato MP3. Quase tudo é gratuito, há apenas um preço simbólico de R\$0,13 pelas impressões em braille, devido à folha especial necessária.

Toda essa infraestrutura atrai bastante o público com deficiência visual, é o caso de Gilmar Santos Barbosa, estudante de gestão de TI do Senac e cego há 8 anos. “A faculdade tem uma boa estrutura, uma didática muito interessante e além de tudo tem o Espaço, que me ajuda bastante”. Apesar das dificuldades enfrentadas por esse público no dia a dia, aos 38 anos Barbosa trabalha no Banco Bradesco, está quase se formando na faculdade e torce para que mais pessoas como ele possam ter essas oportunidades e se beneficiem do espaço. “Espero que esse projeto continue. É uma coisa que pode ajudar muita gente que vem por aí, tanto nos estudos quanto no mercado de trabalho, vale a pena frequentar a biblioteca.”

Por fim o Espaço Braille deixa seu recado com um belo exemplo de inclusão a todos os cidadãos, contando com muita competência e vontade de fazer a diferença, Camila Franzin reforça: “Tudo que a gente tem aqui dentro pode ser utilizado gratuitamente por quem é ou não aluno. Somos abertos para todos os públicos e estamos à disposição para atender quem precisa”.

Estrutura antiga impede acessibilidade em prédios

Escolas com mais de 20 anos de existência não suportam reformas

por **Mariana Checoni**

O Brasil possui 45 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, segundo censo divulgado em 2012 pelo IBGE. Desse expressivo número, cerca de 2,5 milhões são deficientes físicos que residem no estado de São Paulo. De acordo com a lei promulgada em 2000, qualquer pessoa portadora de deficiência ou mobilidade reduzida tem o direito de transitar com autonomia e segurança em qualquer espaço público.

Diante disso, é essencial que as escolas também sejam preparadas para receber alunos com deficiência física. Segundo Henrique Milaski, engenheiro civil e ex fiscal de obras em São Paulo, todas as escolas do estado contruídas a partir da data que a lei entrou em vigor, devem ser acessíveis para os deficientes. Dentro dos meios de acessibilidade estão inclusive elevadores (caso a escola tenha mais de um andar), rampas de acesso e salas acessíveis com portas mais largas que possibilitem a entrada das cadeiras de rodas.

Sem estrutura para adaptações

Na região de Santo Amaro, zona sul de São Paulo, as escolas mais novas encontram-se dentro da lei, mas existe um problema pontual: algumas escolas mais antigas e tradicionais, pertencentes à Diretoria Regional de Ensino de Santo Amaro (DRE), funcionam em prédios antigos que não possuem estrutura para receber reformas necessárias e o exemplo das escolas municipais Conde Pereira Carneiro e Borba Gato. A coordenadora da Borba Gato não aceitou dar mais informações sobre a escola sem a autorização da Diretoria Regional de Ensino mas, a diretora da EMEI Conde Pereira Carneiro, Maria da Conceição Marques Ferreira, conta que a escola, localizada no Jardim Consórcio, funciona em um prédio muito antigo e não suportaria a instalação de elevadores. De acordo com ela, o local já recebeu a visita de engenheiros para a tentativa de reforma, mas eles informaram não ser possível, tanto por falta de espaço, quanto por conta da estrutura antiga.

A escola possui uma rampa de acesso construída há cerca de três anos. Essa foi a única reforma possível. Todas as salas de aula são localizadas no primeiro andar, pois, no térreo é o local onde as crianças fazem o intervalo, que acontece em dois períodos diferentes. O barulho é muito alto e isso atrapalharia a aula, por esse motivo, não é

viável a construção de novas salas. A escola não é capacitada para receber nenhum cadeirante, ainda assim duas crianças com mobilidade reduzida estão matriculadas.

Apesar de tudo, a diretora afirma que embora a escola não consiga acolher os cadeirantes, eles dão todo o suporte necessário encaminhando-os para outras unidades da região, sendo assim nenhuma criança que precise de assistência por conta da deficiência passa por problemas na hora de encontrar um local de estudo. Caso a criança more longe, o transporte, pela lei, fica por conta da Prefeitura Municipal.



Portão de entrada da Escola Municipal Borba Gato. (Foto: Mariana Checoni)

Um pedaço do Nordeste

Biblioteca Belmonte dissemina a produção artística nordestina



Boneco de um dos funcionários da biblioteca
(Foto: Pedro Salles)

por Ian Kobashigawa e Pedro Salles

A biblioteca Belmonte que está localizada em um eixo comercial no bairro de Santo Amaro, (zona sul) de São Paulo vem trazendo uma temática de cultura popular nordestina desde 2007. Expondo através de esculturas, cordéis, chapéus e livros de contos esse conteúdo fica exposto em uma sala com a cultura do Nordeste.

Além de mostrar a cultura popular de nosso país, a biblioteca possui uma parceria com a escola Borba Gato, que fica ao lado e tem acesso por um corredor que liga os dois ambientes. Tendo assim mais segurança para as crianças da escola. O objetivo dessa união é que as crianças possam ter acesso a contação de histórias e que estimule a leitura e o desenvolvimento cognitivo logo na infância.

Em conjunto com a Secretaria municipal da Cultura, a biblioteca traz algumas atrações e diversos eventos de teatro e música, “a coordenaria de biblioteca possui 54 bibliotecas dentro desta rede e nós estamos dentro dessas contratações”, afirmou Gilmar Santos, 43, coordenador da biblioteca Belmonte que esta atuando desde 2009.

A contação de história, é um dos projetos oferecidos pela a biblioteca e possui um horário reservado as quartas-feiras para que as crianças realizem a leitura, ajudando a estimular a imaginação e difundir a cultura da leitura.

A biblioteca está localizada em um prédio antigo, os funcionários fazem de tudo para que todos tenham acesso, como aproveitar as atividades que são oferecidas. Durante os eventos no teatro pessoas cadeirantes ou com pouca mobilidade física utilizam uma entrada lateral para facilitar o acesso, pois a entrada principal tem escadas convencional que dificultam a passagem deles. Já para os deficientes visuais eles já possuem um óculos que conta a história do livro e acompanha a leitura de uma forma mais prática também possuem livros em braile para que possam exercitar a praticar da leitura com as outras crianças.

A biblioteca Belmonte foi construída em local onde havia uma chácara, localizada na Av. Mario Lopes Leão, antiga Rua Campos Sales. Onde já foi um grande terreno hoje existe uma biblioteca que divide espaço com o colégio infantil Borba Gato. A biblioteca veio se tornar um núcleo de cultura popular, oferecendo um acervo especializado, oficinas e história das culturas africana e afro-brasileira. A biblioteca ganhou um Prêmio de Culturas Populares 2007 da secretaria e diversidade cultural do Minc também o Troféu Marco da Paz Páteo do Colégio.

Durante os anos a biblioteca adquiriu um acervo de 60 mil livros e um acervo especializado em cordéis. Recebeu também uma exposição permanente e tombada como patrimônio de SP que fica localizada no saguão de entrada, é uma coleção de xilogravuras crida por Ernesto Bonato, retratos que ele fez de algumas pessoas que moram perto ou trabalham no entorno da biblioteca.



Muro de entrada da biblioteca
(Foto: Pedro Salles)

Contador de histórias incentiva a leitura

Sabino Lopes resgata a literatura popular entre crianças da rede municipal, na biblioteca BelMonte



Sabino Lopes busca resgatar a cultura popular durante a sua contação de histórias (Foto: Isabella Córdoba)

por Isabella Córdoba e Sabrina Costa

No escuro auditório Kiyomi Oba, localizado na biblioteca Belmonte, bandeirinhas coloridas enfeitam o pequeno palco. Um castelo desenhado é o plano de fundo escolhido para ilustrar o mundo que o contador de histórias, Sabino Lopes, criou.

Dezenas de crianças de escolas públicas da região de Santo Amaro aparecem durante a última sexta-feira do mês para ouvirem suas histórias. Criado em um ambiente rural e humilde, Sabino cresceu ouvindo a contação de causos e cantigas de seus familiares, no sítio de sua família. Hoje, tenta repassar esses valores através do seu trabalho como contador.

Funcionário da Prefeitura desde os anos 80, observa as mudanças que a tecnologia trouxe para dentro do ambiente da biblioteca, situada no bairro de Santo Amaro: “Se você entrar aqui na sala de pesquisa, pode até ver um monte de gente sentada, mas ninguém tem um livro na mão, estão todos usando wifi”. Com o incentivo da Prefeitura e da Secretaria de Educação, as peças de contação de história começaram bem antes de Sabino chegar a biblioteca. As companhias de teatro realizavam diversas atividades pelas bibliotecas da região, levando cultura aos moradores. Com o decorrer do tempo, os contratos com as companhias de teatro começaram a vencer. Refletindo o desprezo que o Estado trata a cultura, esses contratos não foram renovados com a imediata rapidez que deviam e por meio disso, as atividades culturais e contações

tiveram sua frequência diminuída nas bibliotecas.

Sabino sentiu a necessidade de dar continuidade ao projeto, e de resgatar os valores de sua infância, desprezados pela sociedade atual. Com a ajuda de seus filhos e autorização do coordenador da biblioteca, o funcionário público decidiu espalhar a cultura literária brasileira aos jovens por conta própria: “Eu faço porque eu gosto, não estou ganhando nada aqui, apenas o meu dia trabalhado”, declara.

Até hoje, o problema com os contratos das companhias de teatro que realizam atividades nas bibliotecas da região é um desafio, principalmente no período eleitoral. Sabino sempre se dispõe a cobrir as lacunas na programação da biblioteca. “Sabino, cobre aí pra gente?”, então vou lá e organizo minha turminha. Porque o pessoal liga e pergunta ‘o que vocês podem oferecer pra gente?’, e entro como se fosse um curinga”, explica o funcionário com um grande sorriso no rosto.

Durante quase 30 anos de serviço público, Sabino conta sobre a baixa de visitas que a biblioteca tem sofrido: “Eu me lembro da época em que trabalhava aqui e em outras bibliotecas, a frequência era bem maior. Hoje, a média chega a 100 pessoas por dia, mas é muito difícil dar 100 pessoas por dia. Na década de 80, a frequência era bem alta.” O contador culpa as tecnologias e a falta de incentivo para a leitura os fatores principais para a diminuição das visitas: “O que mais mantém o aluno distante, o ser humano no geral, não só a criança, de um livro e de uma boa história, são os meios de comunicação. É a internet, os Mc Donalds da vida, os Shopping Center. Esses entretenimentos acabam tirando o foco do jovem da leitura.”

Pai de dois filhos, Sabino incentivou suas crianças a ler desde pequenos. Conta com orgulho que sua filha atualmente é professora e, assim como o pai, procura resgatar o apreço pela leitura em seus alunos, além de realizar também algumas contações de história: “Todos os meus filhos, eu acostumei a contar história antes de dormir. Quando estava em casa, sempre os trazia à biblioteca. A gente sempre estava lendo. Se eles não gostam de ler agora, não foi por que eu não incentivei”, brinca o contador. O filho, Gabriel Lopes, atua ao lado do pai na biblioteca, o auxiliando na sonoplastia da contação. Juntos proporcionam a dezenas de crianças, a oportunidade de terem acesso à nossa literatura, a histórias fictícias, mas que se tornam “reais” dentro do auditório.

Escoteiros fazem a diferença no bairro

Atividades sociais e educativas colaboram com a formação de crianças e jovens desde 1996



Símbolo do Grupo de Escoteiros de Santo Amaro (Foto: Tallyta Pavan)

por Tallyta Pavan

O Grupo de Escoteiro de Santo Amaro foi fundado em 1996 e continua com seu objetivo de ajudar na formação de crianças e adolescentes. “Nós estimulamos o jovem a fazer a diferença onde quer que ele esteja”, diz o voluntário Matheus França, de 24 anos. “Ser um escoteiro é algo que se leva para a vida. Não importa se a criança faltou uma, mas se ela conseguiu comparecer e ter alguma lição para o desenvolvimento dela já é o bastante”, complementa.

O Grupo de Escoteiros de Santo Amaro (GESA) possui diversas atividades e programas sócio educativos, como o Jamboree On The Air (JOTA), que tem como objetivo o Radioamadorismo, e o Jamboree On The Internet (JOTI), que envolve desafios durante o final de semana que os jovens devem cumprir e postar na página do JOTI.

“Você completa a atividade, você ganha uma recompensa. A criança fica mais motivada se ganha algo, então por isso que as atividades têm distintivos, para lembrar da atividade que foi realizada. É como se fosse uma marca”, declarou o atual Diretor Presidente do Grupo Escoteiro Santo Amaro, Rafael Spessotto, de 35 anos.

Com o horário de funcionamento das 14:30 às 16:30 apenas aos sábados, os participantes explicam que é compreensível que o desafio seja maior, levando em conta que as crianças poderiam escolher ficar em casa, assistindo TV ou mexendo no celular. Entretanto, por mais que seja difícil, o Movimento Escoteiro se adaptou às tecnologias. Agora com um aplicativo (mAPPA) é possível fazer do “maior inimigo”, uma ferramenta útil.

Há 30 anos, Curumim ensina com arte

por Henrique Lopes

Projeto Curumim do Sesc completa 30 anos no mês de novembro, cerca de 500 mil crianças passaram por ele. Somente na unidade de Santo Amaro esse número passa dos 15 mil alunos.

Ao decorrer do ano inscrições são abertas a toda população, seja pelo site ou na secretaria. A diversidade das atividades educativas e também aprender com brincadeiras atraem a atenção de todos, como educação artística, esportiva, práticas socioambientais sem contar o momento de lazer que é proporcionado com passeios e momentos recreativos.

A professora de artes, Rosimare Martins, trabalhou durante anos no Projeto Curumim afirma que para o bom desenvolvimento do cidadão, é necessário que haja sensibilidade em cada um, através da arte isso torna possível. Além das

leituras, os temas abordados e o debate entre os pequenos ajudam na comunicação.

Na entrevista houve uma dúvida sobre o que seria arte na visão de um especialista e a resposta foi “arte é aquilo que através dos olhos sensibiliza a alma, além de transmitir algum ensinamento, seja ele simples ou não”.

Rosimare conta que na unidade existe suporte, para poder inovar com materiais e poder auxiliar todos os alunos. Por ser uma região periférica, os professores além de tutores se tornam responsáveis por cada um deles, criam laços que são fortes e duram com o tempo.

Cerca de 2 milhões de jovens, entre 4 e 17 anos, no Brasil, não estudam e projetos como o Curumim reduzem esses dados alarmantes. Em Santo Amaro os pais que foram ouvidos afirmam que por conta disso os filhos podem sonhar com um futuro digno.

Curso traz visibilidade à literatura africana

Promovido pelo Sesc Santo Amaro, as oficinas também discutem a produção literária afro-brasileira



Oficinas sobre as raízes africanas e sua importância em um contexto social, histórico e cultural (Foto: Aline Medeiros)

por Aline Medeiros

A professora Maria Nilda de Carvalho Mota, a Dinha, seguia até o fim do corredor branco todas as quintas-feiras no Sesc Santo Amaro. Trazia consigo dezenas de livros de todas as origens possíveis e os dispunha na mesa. A escritora e doutora em Letras se preparava para sua penúltima aula do curso de Literatura das Periferias.

Em seus 40 anos, Dinha promovia durante as oficinas, para um público que não conhece tanto, a literatura africana e a afro-brasileira. Ao longo das duas horas de aula, são oferecidas dinâmicas e imersões nos textos trazidos pela professora.

A estudante Benzia Amanda de Oliveira, participante do curso definiu a importância desses encontros na sua vida: “Nas primeiras aulas eu já consegui perceber que é muito difícil colocar em caixas, isso é esperar que uma mulher negra escreva só sobre como é ser uma mulher negra e não sobre qualquer outra coisa no mundo.”

Dinha reitera em suas oficinas o importância das raízes africanas, dando a devida relevância que essa parte da nossa história merece. “As raízes têm a ver com conhecer o passado, e conhecer o passado é entender melhor o presente e projetar melhor o futuro”, relatou.

No âmbito público, foi sancionada em 2003 a Lei 10.639 que tornou obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira em todas as escolas. Segundo Mario César Lugarinho, professor universitário e especialista em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa a ação é essencial: “A proposta da lei é mais

do que fundamental para que ao terminar o ensino médio tenhamos uma melhor ideia do nosso complexo retrato”, declarou. Entretanto, após a reforma do ensino médio, aprovada em 2017, que retira a obrigatoriedade das disciplinas de Geografia e História do currículo escolar, essa iniciativa pode ser prejudicada.

O apagamento da herança africana torna cursos como esses oferecidos pelo Sesc ainda mais importantes. A respeito disso, Lugarinho relatou sua experiência no âmbito acadêmico: “Os alunos vinham com uma curiosidade enorme e ao mesmo tempo que tinham essa curiosidade pelo outro, eles começavam a me perguntar e a se perguntarem: onde estão nossos autores?”

Recentemente, Conceição Evaristo tornou-se trend topic no Twitter e mobilizou milhares de pessoas nas redes. A escritora mineira era a candidata favorita para ocupar a cadeira 7 da Academia Brasileira de Letras (ABL). Uma vez eleita, Conceição se tornaria a primeira mulher negra a fazer parte da entidade literária, entretanto, apesar do apoio popular, a autora de Ponciá Vivência não foi escolhida.

Entre Conceições, Chimamandas e Carolinas de Jesus, há milhares de autores negros que não recebem o devido reconhecimento. A estudante do curso Elizandra Batista de Souza comentou sobre a pouca divulgação dessas obras: “Temos Cadernos Negros que tem 41 anos e as pessoas nunca ouviram falar, não dá pra dizer que não é racismo isso.”

As oficinas oferecidas por Dinha no Sesc Santo Amaro deixaram um legado que as eternizam. Essenciais a qualquer leitor, essas narrativas se enriquecem quando se cruzam e se engrandecem quando se diferenciam.

Projeto de alfabetização usa método Paulo Freire

Iniciativa é voltada para jovens e adultos e diferencia a relação entre alunos e professores



Professora Ana dos Santos ajudando aluna Florizia Alves a escrever. (Foto: Angela Amaral, 2018)

por **Angela Amaral Jennifer Mendes**

Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA), desenvolvido desde 2003 pelo Instituto Santa Lúcia, localizado no bairro de Santo Amaro, abre as portas para um tipo de ensino mais humanizado aos residentes das regiões periféricas da Zona Sul. Utilizando do método Paulo Freire, o projeto vai para além do ensino básico, em que entre cadernos e canetas encontra-se maior atenção e proximidade.

O programa possui vínculo com a Secretaria Municipal da Educação e grande parte do corpo docente é formado por voluntários, como é o caso da professora Ana dos Santos, que leciona pelo projeto há 11 anos e o conheceu por meio de uma igreja colaboradora. A professora reconhece o diferencial do projeto devido à liberdade que ele proporciona, afirmando que o método Paulo Freire simplifica e facilita as relações entre aluno e professor. “O olhar do professor do MOVA é diferente do professor da rede, é um olhar com carinho e com atenção”, afirma Ana.

Porém, mesmo que o movimento abra portas e permita que o ensino seja expandido àqueles que querem aprender tardiamente, a professora também afirma que existe uma dificuldade em transmitir o conteúdo. Dentro da sala de aula encontram-se alunos que já possuem algum contato com o aprendizado, enquanto outros nunca tiveram nenhum estudo. Consequentemente ela se vê obrigada em conciliar o que será passado

em aula, trabalhando o mesmo conteúdo de forma diferenciada.

Assim, as aulas possuem temas sempre próximos ao cotidiano do educando, fazendo com que eles sintam-se mais independentes e inclusos na sociedade.

“Ninguém engana a gente, ninguém enrola a gente. Quando a pessoa não sabe ler o povo engana. Você vai num lugar e não sabe pegar um ônibus pra ir e pra voltar. Agora não, sei ler. Sei o nome do onibus que devo pegar. Não é uma maravilha?”, conta a aluna Maria Alves Santana Silva de 60 anos, que participa do programa há 8 anos.

O Instituto foi criado por Magda dos Reis e outros dois fundadores, que tinham a intenção de conseguir equipamentos educacionais para atender a demanda de analfabetos da região periférica da Zona Sul, que se sentiam às margens da sociedade e por meio do projeto conseguiram seu espaço.

Método Paulo Freire

O brasileiro Paulo Freire criou uma metodologia de ensino no ano de 1963, apresentando uma didática diferenciada para alfabetização de adultos. É um método baseado nas experiências de vida dos alunos, que aprendem por meio da associação com palavras que fazem parte do seu cotidiano. Por via delas é possível chegar à palavra escrita e leitura.

Impactos da indústria 4.0 na educação

Como o ensino tecnológico tem se destacado no meio educacional por iniciativas públicas e privadas

por **Pierre Medeiros e Thais Corrêa**

Como o ensino tecnológico tem se destacado no meio educacional, em destaque no bairro Santo Amaro, por iniciativas públicas e privadas

Com a crescente preocupação no desenvolvimento e qualidade da educação, muitas escolas têm se preocupado em oferecer novos cursos para os alunos, entre eles, o letramento digital. Uma das iniciativas que têm se destacado em São Paulo, principalmente no bairro de Santo Amaro, centro-sul, são os cursos de programação e robótica oferecidos pela escola Happy Code.

Pensando em novas propostas para a educação, diretor da unidade, Paulo Macêdo, 47, reconhece as dificuldades ao ensinar crianças e jovens em meio às novas tecnologias.

A partir do momento que a educação se concebeu pelo conceito de massificação do ensino percebemos que também, com o surgimento das novas tecnologias, este movimento, começou a ter dificuldades no instante que os alunos tiveram um acesso constante à informação. As crianças perderam o interesse em aprender. Elas se distraem com a tecnologia. Por isso buscamos novas maneiras de despertar este interesse utilizando a tecnologia para desenvolver as habilidades que serão necessárias no futuro.”

Essas características de ensino citadas por Paulo Macêdo são chamadas de Letramento Digital. Currículo que engloba matemática, programação e robótica. O impacto dessas matérias no ensino.



Espaço de criação e demonstração de projetos dos alunos. (Foto: Thais Corrêa, 2018)

Essas características de ensino citadas por Paulo Macêdo são chamadas de Letramento Digital. Currículo que engloba matemática, programação e robótica. O impacto dessas matérias no ensino e no desenvolvimento dos alunos também foram confirmadas pelo professor Thiago Thadeu, Senai-SP, que representando a posição da FIESP e do Sistema S (SESI, SENAI, SENAC), ressaltou o valor do investimento em tecnologia como uma forma de estimular a capacitação e curiosidade dos alunos através dos cursos explicando os pilares da indústria 4.0, no intuito de fomentar o assunto e às novas carreiras.

Ao inserir programação e robótica no ensino de crianças e adolescentes, o pensamento lógico é desenvolvido, aprimorando diretamente a resolução de problemas e tomada de decisões, independentemente da área ou carreira que este público terá no futuro. No entanto, esse método só se torna efetivo quando aplicado com uso de tecnologias inovadoras, facilitando o trabalho do professor e motivando o aluno prendendo sua atenção.”

Reflexos na Indústria

Segundo dados fornecidos pela Agenda Brasileira para Indústria 4.0 (ABDI), proposta do Ministério da Indústria, Comércio e Serviços, o Brasil, ocupa a 69ª posição no índice Global em Inovação e sua participação industrial no Produto Interno Bruto (PIB) é, aproximadamente, inferior a 10%. Valor que tem diminuído pela metade quando comparado o período dos últimos 30 anos. Algo que esperam ser revertido com o investimento na indústria 4.0, gerando mais eficiência e corte nos custos em um valor de 73 bilhões de Reais apenas neste ano.

Apesar de serem números muito expressivos, esta economia não irá se refletir em uma retomada dos empregos no setor, visto que, apesar de oferecerem muitas oportunidades, as vagas geradas necessitarão de maior especialização. Dificultando a recolocação de muitas pessoas no mercado de trabalho. A Indústria 4.0 é um conceito relativamente novo e que tem sido muito comentada nos últimos anos e, sendo até mesmo, tema em debates presidenciais e de governadores nas eleições de 2018. Ressaltando as necessidades de mudanças na base educacional.

Moradores desconhecem programações culturais

A falta de divulgação de eventos e êxodo cultural prejudicam a visibilidade dos espaços

por **Fernando Gomes**

Existem alguns pontos de referência na capital quando o assunto é cultura. Em diversas regiões, é possível encontrar as mais diversas opções para os mais diferenciados gostos. O bairro de Santo Amaro não está nessa lista. A falta de divulgação dos eventos culturais impede que o público, de fora e do próprio bairro, conheça a variedade cultural que a região coloca à sua disposição.

“Antes eu ia no Sesc, mas agora não tenho mais tempo”, diz Elton Lima, morador da região. Junto à esposa, Keila Souza, e mais quatro filhas, ele não conseguiu citar outro ponto cultural de referência no bairro, mesmo estando na esquina da praça Marcos Manzini, onde se encontra o prédio do Centro Cultural Municipal de Santo Amaro, e de costas para a Casa de Cultura.



Santo Amaro tem um grande leque cultural envolvendo arte, música e lazer, porém a população prefere sair do bairro ao procurar esse tipo de atração. (Foto: Fernando Gomes)

Nem mesmo os taxistas da região deixam de notar esse êxodo cultural. “Eu trabalho nesse ponto há 18 anos e eu nunca levei nenhum passageiro para locais culturais de Santo Amaro”, afirma Alexandre Lourenço, taxista que faz ponto na avenida que liga a região próxima ao metrô Adolfo Pinheiro ao prédio do Centro Cultural Santo Amaro e a Casa de Cultura. Segundo ele, o fluxo de viagens tem como destino, geralmente, o hospital da região, residências e o aeroporto de Guarulhos. Já Eduardo Lins, Wilson Lopes e Pedro Gomes dizem que raramente são feitas viagens para as zonas culturais. Os três trabalham no mesmo ponto, na esquina da avenida do Teatro Paulo Eiró, e eles não recebem

chamadas de outros cantos. “Geralmente são mais os idosos que saem daqui do teatro”, diz Eduardo.

Santo Amaro reúne, ao menos, dez atividades culturais que outras instituições – públicas ou privadas – promovem em outros bairros. A maioria delas é gratuita ou, quando pagas, tem um custo pequeno, como a Orquestra Filarmônica de Santo Amaro localizada no Teatro Paulo Eiró, com ingressos vendidos por 15 reais. Mas quando se trata de locais públicos gratuitos, o bairro ganha no quesito. Um deles é a Casa de Cultura, local de fácil acesso (em frente à Av. João Dias), e portadora de diversas atividades disponíveis no espaço.

Pluralidade

O Samba da Vela, evento fixo na Casa, acontece toda segunda-feira à noite e une tradição à paixão pelo samba. Mesmo apresentando um cronograma atualizado esporadicamente com convidados especiais e disponibilizando os eventos fixos em panfletos e online, o espaço ainda sofre para conseguir visibilidade. Segundo Guilherme Bonfim, coordenador da Casa de Cultura, as atividades não têm um alcance e isso os torna “o primo pobre de todos os equipamentos culturais da cidade”. “Elas são equipamentos muito mais precários, não têm muita divulgação, não têm infraestrutura, não têm teatro dentro, não têm bibliotecas”, disserta ele a respeito da Casa e das ações promovidas pela mesma.

Enquanto uns suplicam pela atenção do público, outros aparentam ter sorte em reunir grande quantidade deles. A Companhia de Teatro Paideia exerce um trabalho em função dos jovens e parte da divulgação feita por eles tem tido retorno positivo. “Hoje a gente tem um público de escolas públicas bem forte, os alunos da Paideia divulgam muito e aqui da região vem muita gente. Foi um público que conquistamos”, declara Amauri Fauseti, diretor geral da Companhia. Além de usarem todas as redes sociais para divulgar os espetáculos, o Paideia ainda contrata assessoria e procura os veículos de jornais locais quando tem recursos disponíveis.

Em relação a locais com atividades gratuitas, o Centro Cultural Santo Amaro é exemplo. No mesmo prédio, engloba-se o Centro Cultural e a Biblioteca Prestes Maia, o Teatro Leopoldo Fróes, um telecentro, exposições datadas e um projeto de filial da Escola de Dança de São Paulo, vinda do Teatro Municipal de São Paulo, ainda sem previsão de entrega.

SESC é cultura para todos

Unidade Santo Amaro democratiza o entretenimento no bairro



Programação envolve diversas expressões e espetáculos que buscam atingir os frequentadores. (Foto: Luca Palumbo)

por **Luana Scorsoni e Luca Palumbo**

Em tempo de folga quem não gosta de uma piscina fresquinha ou de participar do show daquele artista que está bombando? Com quase sete anos desde a inauguração, o SESC Santo Amaro continua inovando seu conceito de entretenimento para a população da Zona Sul de SP e trazendo a imensa variedade de serviços da franquia.

Conhecido como um novo centro cultural no bairro, a unidade é bastante conhecida por sua piscina ampla e envolta em paredes de vidro que dão a sensação de espaço aberto, mesmo com sua forte proteção contra raios Ultravioleta, aplicados intencionalmente pelo arquiteto responsável, Edson Elito.

“O SESC é uma forma única de possibilitar lazer, turismo, entretenimento, saúde bucal, alimentação de qualidade. Tanto que somos referência internacional nesse meio”
- André Silva, 29 anos, agente de atendimento no SESC Santo Amaro

Práticas esportivas e atividades físicas também lideram a lista de formas de entretenimento mais buscadas no SESC Santo Amaro, mantendo sempre quadra e academia bastante frequentadas com os diversos cursos oferecidos durante todo o dia. Assim como afirma o agente de atendimento André Silva, “Tudo gira em torno de uma questão social, já que o SESC é cultura de forma acessível”.

Estudantes e trabalhadores frequentam diariamente o espaço, assim como diz Giovanna, de 14 anos, que junta os amigos para jogar basquete na quadra aberta depois da aula ou passar seu tempo livre na biblioteca. “O SESC para mim é um lugar de cultura, para tirar um tempo, ficar comigo mesma lendo um livro”.

Santo Amaro foi o bairro escolhido para uma unidade voltada à periferia da Zona Sul que tenta sempre fugir dos padrões de “determinado tipo de música para determinado público”, diz

André. Mas muitas vezes, isso apenas reafirma a afinidade musical de seus frequentadores através da quantidade de participantes, o que acaba trazendo principalmente programações com linguagem acessível, shows e espetáculos de figuras públicas.

Como explica Elito, o projeto foi baseado em dois pilares específicos: horizontalidade e transparência, pontos que fazem do SESC um espaço ainda mais aberto a mostrar os serviços oferecidos ao público da região e à comunidade que frequenta o espaço.

Segundo André, “a unidade mudou muito, junto com o público e a quantidade de frequentadores”. Ainda assim sabemos que o que prevalece no bairro ainda é a cultura nordestina, que pode ser vista em todo lugar, principalmente nas ilustrações fixas do SESC Santo Amaro e em seu público.

Além das diversas formas de entretenimento no centro cultural, trabalhadores da região aproveitam para fazer suas refeições na Comedoria do SESC, já que se trata de uma lanchonete de pratos variados e não é necessário o uso da credencial. “Só frequento esse SESC para almoçar”, diz a bancária Alessandra.

Ainda com o objetivo de levar diferentes tipos de atividades para a maior parte do público possível, também são disponibilizados serviços de odontologia e saúde bucal, de forma a tornar mais acessíveis esses atendimentos que costumam ter valores altos e se distanciam dos costumes da população paulistana.

Quando questionado a respeito do envolvimento da unidade, Edson Elito explica “o arquiteto tem que encarar cada projeto como um novo desafio, você pode discutir e fazer algumas alterações, mas o projeto já vem de lá com os espaços definidos”. Isso demonstra a preocupação do SESC em estudar o bairro e planejar cada espaço necessário para o público que deseja atingir.

Serviços

O Sesc fica na Av. Amador Bueno, 505 - Santo Amaro, SP e funciona de terça a sexta-feira das 10h às 21h30 e aos finais de semana com fechamento às 18h30. O telefone para contato é (11) 5541-4000.

De chucrute a jabá

Bairro oferece tradições e sabores gastronômicos que se estendem da Alemanha ao Nordeste



Carne seca típica do nordeste vendida na Casa do Norte Malagueta, em São Paulo. (Foto: Tayná Garcia)

por **Tayná Garcia e Vitória Krambeck**

Santo Amaro é um dos polos comerciais mais fortes de todo o estado de São Paulo. Ele é conhecido tanto pela grande quantidade de lojas na Rua Largo 13 de Maio quanto por ter um Mercado Municipal próprio. Mas o que muita gente não sabe é que por trás de sua história existem fortes influências de culturas bem contrastantes: a alemã e a nordestina. As duas se instalaram no comércio do bairro, principalmente pelo setor gastronômico.

O legado das Casas do Norte

Com a ajuda dos nordestinos, o comércio de Santo Amaro se intensificou, principalmente por conta da culinária tradicional levada para o bairro. As Casas do Norte, como são popularmente conhecidas, são empórios que vendem ingredientes típicos do Nordeste. Elas estão espalhadas pelo Largo 13 e boa parte pertence às famílias de migrantes que vieram para São Paulo.

Um dos estabelecimentos nordestinos mais famosos do bairro, a Casa do Norte Malagueta, é gerenciada por Akram de Freitas, um paulista que herdou o negócio de seu pai paraibano, Rui Jorge. “Meu pai veio para Santo Amaro e criou o nosso estabelecimento durante os anos 1980 porque o comércio por aqui era e ainda é muito forte”, conta. Feijão de corda, macaxeira (mandioca), manteiga de garrafa e vários outros alimentos típicos vêm diretamente do Nordeste. Mas, curiosamente, nem

todos os ingredientes vêm de lá. Com as carnes de sol, por exemplo, o processo é inverso. “A carne seca é produzida no interior de São Paulo e vendida para o Nordeste, porque os grandes frigoríficos estão aqui por ser o maior mercado consumidor”, explica Akram.

A migração nordestina para São Paulo começou a se intensificar a partir da década de 50, devido ao agravamento de secas e baixa prosperidade econômica na maioria das regiões do Nordeste. O fluxo de migrantes se distribuiu por toda região paulista, e foi em Santo Amaro que se instalou

“Meu pai veio para Santo Amaro porque o comércio era e ainda é muito forte”

grande parte. Isso porque, desde aquela época, o bairro era considerado o maior polo econômico do estado paulista (atualmente, ele é o segundo).

A tradição alemã no Mercadoão

Há 192 anos, colônias alemãs se instalaram no bairro com o propósito inicial de auxiliar na agricultura. Desde então, ele possui a maior concentração desses imigrantes que acabaram se instalando em seu comércio gastronômico com alimentos típicos. O polo de estabelecimentos alemães se concentra no Mercado Municipal de Santo Amaro, que teve seu local destruído por um

incêndio em setembro de 2017. Os comerciantes foram transferidos para uma tenda provisória, localizada na Rua Padre José de Anchieta, e estão lá até hoje, apesar da promessa do governo em reconstruir o local original.

Ao visitarmos o lugar, conhecemos a Banca Penedo, gerenciada há 16 anos por Daniel Hollaender e sua colaboradora, Elvira Batista. Filho de alemães, Hollaender herdou o conhecimento do pai em comércio e investiu no estabelecimento com seu amor pela culinária e tradição de seus antecedentes. A maioria dos alimentos vem direto de lojas da Alemanha por meio de uma importadora. O local comercializa salsichas, sauerkraut (chucrute), joelho de porco, cervejas e diversos produtos. Hollaender explica que ainda mantém tradições

culinárias de seus pais e parentes, como plätzchen, biscoitos alemães natalinos que sua avó fazia.

O comerciante conta que a maioria de seus clientes acompanham sua loja desde antes do acidente. Muitos são descendentes de alemães e até conversam com Hollaender em alemão, que faz questão de lembrar o nome de cada cliente. Uma delas é Silvia Cardoso, uma grande amiga do dono, que lamenta a negligência da prefeitura em relação ao incêndio do Mercadoão. Depois do incidente, muitos estabelecimentos, principalmente restaurantes, não puderam ser instalados na tenda provisória e acabaram de portas fechadas por tempo indeterminado. Esse é o caso do Restaurante Königsallee, que permanece fechado até hoje.

Centro LGBTI sobrevive ao descaso público

por **Alice Padilha**

O Centro de Cidadania LGBTI Édson Nerys enfrenta diversas dificuldades orçamentárias. Localizado na rua São Benedito, em Santo Amaro, o local foi esquecido pela Prefeitura de São Paulo desde 2017. A missão da iniciativa pública inaugurada na gestão Haddad é prestar apoio jurídico, psicológico e social para a população LGBT+, porém entraves públicos dificultam o processo e várias atividades foram cortadas da agenda.

Ao contrário do que é divulgado nas redes sociais, segundo a assistente social Gisele Cardoso, a unidade sul não promove cursos e workshops abertos em suas dependências. Na verdade, apenas divulga parceiros. As únicas atividades culturais abertas ao público que ainda ocorrem são palestras e rodas de conversa temáticas, divulgadas no Facebook.

Isso porque, desde a mudança de gestão de São Paulo em 2017, os centros convivem com um destino incerto, segundo a articuladora social e representante da Unidade Móvel Sul, Paula da Silva. Atividades culturais como shows de artistas transgêneros não ocorrem mais por falta de verba pública. “A gente vai levando, né? A nossa luta não pode parar”, declara.

Outro problema é que falta divulgação da iniciativa. Apesar de existir uma Unidade Móvel, que percorre os extremos da cidade e encaminha quem tem difícil acesso ao centro, de 50 pessoas LGBT+ consultadas por nossa reportagem apenas 14 conheciam o projeto. Gisele diz sentir falta de mais espaço na mídia tradicional: “Se eu nem sei que existe, como vou procurar?”.

Entretanto, segundo a coordenadora de políticas para LGBTI da Secretaria Municipal de Direitos Humanos

e Cidadania (SMDHC), Bruna Svetlic, as atividades culturais oferecidas pelos Centros de Cidadania LGBTI estão dentro da normalidade. Entretanto, Bruna reconhece as falhas de estrutura e afirma que a Prefeitura tem planos para reverter a situação: “Sim, a SMDHC planeja a criação de uma dotação orçamentária específica para manutenção predial dos Centros de Cidadania como um todo”.

O único serviço oferecido que segue inabalado é o Programa Transcidadania, que visa atender a população trans acima de 18 anos e com baixa escolaridade. Ao final dos dois anos de curso, a intenção é reinserir essa população no mercado de trabalho. Josi Barbosa Costa, ex-beneficiária, diz que sua vida mudou radicalmente após o programa. Ela, que fazia programas na rua para sobreviver, coleciona os diplomas que conquistou ao longo do curso. “Foram dois anos de muitas experiências novas. Só tenho a agradecer ao projeto por me tirarem da rua”, conta.



Uma das artes nos muros do Centro de Cidadania Édson Nerys, a bandeira LGBTI. (Foto: Alice Padilha)

O teatro vai à escola

Associação Cultural Paideia mostra os resultados da longa parceria com EMEF Carlos de Andrade Rizzini



Jordana Lis, 17, (à esq.) durante aquecimento do espetáculo "Vamos para escola!". (Foto: Lígia Quaglietta)

por **Lígia Quaglietta**

Domingo, 16 de setembro de 2018. Alguns instantes antes da apresentação do espetáculo "Vamos para Escola!", o grupo se reúne para avaliar erros e acertos da primeira temporada. Na Associação Cultural Paideia é sempre assim. Atores profissionais e adolescentes do projeto "Vivência Teatral para Jovens" dividem o palco, os ideais e as responsabilidades. A temática abordada no espetáculo não foi escolhida à toa. O espaço fica localizado em frente à EMEF Carlos de Andrade Rizzini e, boa parte do elenco estuda ou estudou lá.

Amauri Falsetti, coordenador do projeto conta que a parceria começou há 12 anos por uma iniciativa do grupo que foi, prontamente, abraçada pela coordenação do colégio. A dinâmica funciona da seguinte forma: a cada ano uma sala de aula é escolhida para que seus alunos frequentem o curso de teatro. Mas o restante da escola não fica de fora e é convidado a assistir todos os espetáculos, além de ter passe livre para frequentar outras atividades promovidas pelo espaço.

A parceria deu tão certo que, atualmente, além das aulas de teatro para crianças, a Associação também oferece cursos de arte para professores, um festival anual de teatro internacional, o projeto "Perdigoto" (iniciativa que leva profissionais do mercado cultural e/ou ambiente acadêmico para conversar com os aprendizes do Paideia), além da já mencionada

vivência para os jovens, cujas apresentações têm casa cheia, demonstrando o grande envolvimento da comunidade de pais e familiares.

Liduína Alves, 46, é mãe de Ítalo, que completou 17 anos no dia da apresentação. Para ela, ter o filho na vivência é um privilégio pois "ele aprendeu a valorizar mais a arte, a estrutura, a família, a escola e isso ele passa para outros jovens", afirma.

As atividades desenvolvidas pela Paideia não objetivam formar atores profissionais, mas proporcionar uma experiência artística. Divididos em comissões os jovens são responsáveis por todas as etapas dos processos, desde a limpeza e conservação do espaço até a divulgação dos espetáculos, passando pela administração de um café.

A ordem na Paideia é que a arte faça parte da vida e que através dela crianças e jovens aprendam a se expressar de maneira mais eficaz melhorando sua relação com o mundo. Jordana Lis, 17, frequenta o espaço há sete anos e conta que aprendeu a ser mais sensível, pensar e ouvir mais. "Aqui foi onde eu aprendi a amar", diz.

Para seu coordenador, a Paideia é o CÊU (centro educacional integrado às atividades artísticas e culturais) que o antropólogo Darci Ribeiro idealizou. Ele afirma ainda, que a arte na escola é uma necessidade e que as duas tem uma relação de dependência. "A gente trabalha valores humanos via teatro, não como ferramenta, como dignidade humana", acrescenta Falsetti.

Espaço de cultura traz opções para deficientes

Teatro Paulo Eiró inclui áudio-descrição e libras em seus espetáculos e atrai novos público

por **Nathália Bueno**



Monumento "Por uma cultura", em frente ao Teatro Paulo Eiró. (Foto: Nathália Bueno)

Os portadores de deficiência, tanto físicas quanto intelectuais, sempre estiveram presentes na sociedade, porém só recentemente a questão da acessibilidade para essas pessoas vem sendo debatida de forma a criar espaços para que estes cidadãos se sintam mais incluídos nos locais que habitam. Como diz Mila Guedes, criadora do canal digital sobre deficientes "Milalá": "[...] agora cada vez mais a gente está na rua, antes a gente não estava, [...] pessoas com deficiência intelectual, com síndrome de Down, pessoas com autismo circulando, pessoas com deficiência física circulando, mais cadeira de rodas, mais muletas, mais bengala, enfim, pessoas com alguma deformidade de membros, inferior, prótese, a gente está usando mais a cidade, então a cidade tem que estar mais bem preparada pra nos receber".

Um espaço que vem modificando sua estrutura para estar preparado para receber todos os tipos de público, inclusive os com qualquer tipo de deficiência, é o Teatro Paulo Eiró. Inaugurado em 23 de março de 1957 tinha como objetivo atender as demandas artísticas e culturais do público jovem da região de Santo Amaro, que na época, era um município independente de São Paulo.

No início de 2018, após Monalisa Vasconcelos assumir a Coordenadoria do local, foi feita uma parceria juntamente com a Orquestra Filarmônica de Santo Amaro, a Ofisa, que se apresenta no local,

"[...] com tradutores de libras e áudio-descrição para fazerem todos os concertos acessíveis". Essas mudanças, segundo Monalisa, começaram a atrair públicos que precisam dessa medida para frequentar um ambiente cultural,

"[...] a gente começou a ter pessoas, deficientes visuais e auditivos que passaram a frequentar mais e isso melhorou nossa relação com esse público".

Em 2015, o teatro foi reaberto após passar por uma intensa reforma que propiciou a instalação de aparatos internos que ajudassem na acessibilidade para pessoas com deficiência. Mudanças foram feitas nos camarins, sanitários e no mezanino superior. Foram instaladas plataformas de acesso ao palco e mezanino superior e os assentos foram redistribuídos levando-se em conta as normas vigentes de acessibilidade. No palco também foi instalado um elevador.

Como afirma Sarah Darci, Assistente de Projetos da ASID, Ação Social para Igualdade das Diferenças, "Um dos pontos dessa sociedade inclusiva é fazer com que a pessoa com deficiência possa participar de todas as rotinas sociais, então isso significa que tudo que a gente faz no nosso dia a dia, ir num shopping, ir numa balada, ir num bar, ir trabalhar, ir pra faculdade, usar o transporte público, tudo isso que a gente faz são rotinas sociais e o nosso ideal de sociedade inclusiva é que as pessoas com deficiência possam acessar esses lugares também, que seja uma coisa natural [...]".

Essas pessoas estão cada vez mais ganhando espaço na sociedade e é fundamental que essa mesma sociedade esteja aberta a recebê-los e preparada para compreender e ajudar de forma que todos se sintam parte de um mesmo todo.



Fachada Teatro Paulo Eiró. (Foto: Nathália Bueno)

Acervo reúne figurinos de Ney Matogrosso

As peças estão disponíveis para possíveis exposições e também para consulta e pesquisa



Vitrinal do espaço Ney Matogrosso na Modateca do Senac e manequim usado para exposição das peças em tamanho real do cantor, 2018

por **Lara Provase**

Uma das principais instituições de ensino do Estado de São Paulo, o Senac – Santo Amaro abriga em sua Modateca (espaço dedicado a memórias, roupas e objetos de moda) desde 2010, um acervo contendo todos os figurinos usados em shows ao longo da carreira de Ney Matogrosso, desde a época do grupo Secos e Molhados (1974) até os dias de hoje. O acervo traz acessórios como colares, bracetes, sapatos, anéis e inclusive as cortinas de palco usadas no show Inclassificáveis.

A doação se deu através de uma funcionária do Senac, que participou de um evento de moda que contava com a participação de Ney. Ele disse que costumava doar suas roupas para os amigos, então essa mesma funcionária foi procurá-lo para saber se ele não teria interesse em doar seus figurinos para o centro universitário.

Ney, que até então não conhecia as instalações da universidade, resolveu visitar o espaço. Ao entrar em contato com a estrutura da Modateca em julho de 2010, encantou-se com o trabalho de restauração realizado e aceitou a parceria em novembro do mesmo ano.

Segundo Angela Leal, bibliotecária e restauradora do Senac, Ney teria feito uma única exigência quanto ao seu acervo doado: quando ele precisasse de alguma

peça ele iria pedir. “Inclusive eu estou com um colar que ele acabou de pedir emprestado via whatsapp e já estou enviando por Sedex. Aqui é como se fosse o guarda-roupa dele.”, completa Angela.

Como são mais de 200 peças entre colares, roupas e acessórios, o artista possui a cópia de um catálogo produzido pelo Senac, que contém detalhadamente todas as peças doadas e assim, quando sente saudade de qualquer coisa, liga pedindo emprestado.

Em 2012 foi organizada a exposição: Cápsula do Tempo: identidade e ruptura no vestir de Ney Matogrosso, no campus da universidade, com todas as peças do cantor. Desde que terminou em 2013, a exposição não está mais montada em manequins para o público, mas pelo site do Senac ainda é possível se informar sobre o acervo, que é constantemente alimentado.

Um dos últimos figurinos que Ney doou foi o usado em “Beijo Bandido”, de uma turnê que terminou em 2015. Sua última turnê, “Atento aos Sinais” terminou em fevereiro desse ano e o figurino também já está disponível para o Senac. Angela diz que o acervo dele ainda é muito solicitado para compor exposições fora do campus universitário até hoje, e eles disponibilizam as peças.

Todas as roupas têm seguro e ficam em uma reserva técnica por conta da conservação, para manter o material intacto, mas se alguém quiser fazer

alguma pesquisa sobre qualquer peça ou tiver interesse em expor, é só ligar pedindo. “É mais para pesquisa que para público. Se a pessoa quiser ver uma peça, a gente vem, traz, coloca aqui, fotografa; é para as pessoas terem acesso mesmo.”, informa Angela.

Trabalhando em conjunto com Angela no espaço Ney Matogrosso da Modateca, está Talita Silva, formada em Design de Moda pelo Senac. Ela foi responsável por produzir um artigo sobre todo o processo de montagem do acervo e da exposição. “Reuni todos os detalhes de uma forma sucinta, porque é um artigo, mas daria para fazer um livro sobre isso. Dizem que o Ney é tímido para conversar, mas no palco ele tem essa personagem, que era o que deixava ele forte para resistir à ditadura – e isso é lindo.”, declara.

Cristiane Camizão Rokicki, bibliotecária da universidade e coordenadora dos eventos, diz que o papel mais importante do acervo seria voltado para os alunos, na questão da pesquisa e como uma memória cultural de um artista tão relevante quanto Ney; além de permitir que outros artistas pudessem vir a despertar o interesse em fazer esse tipo de doação, de foco acadêmico e cultural. Qualquer um que queira ter contato com essa arte, agora tem mais disponibilidade de acesso.

O acervo pode ser consultado na unidade do Centro Universitário Senac, no endereço Av. Engenheiro Eusébio Stevaux, 823 – Santo Amaro, São Paulo. O telefone para contato é: (11) 5682-7300.

Diversidade marca Casa de Cultura

Há 28 anos, o espaço gera talentos e contribui com a formação cultural da comunidade

por **Clara Caboclo**

A Casa de Cultura de Santo Amaro é o centro de referência dos artistas locais, que ali recebem apoio para desenvolver suas pesquisas, projetos e espetáculos. Para o coordenador, Guilherme Bonfim, 64, o espaço também é importante por ser um patrimônio histórico.

“Além de ser um equipamento que tem uma prestação de serviços muito significativa e dinâmica para seus frequentadores, esse edifício é único em São Paulo. Ele é único no sentido arquitetônico e no sentido histórico, é um dos prédios mais antigos da cidade.”, disse Bonfim.

O espaço atrai o público por meio de eventos e oficinas gratuitas. Instalado pela Secretaria de Cultura, o centro cultural fica no prédio do antigo Mercado Municipal de Santo Amaro, patrimônio tombado desde 1972.

Ao longo de sua existência, a Casa de Cultura tem despertado um público majoritariamente adulto e da terceira idade. Nesse cenário, aparecem as oficinas, cursos de diversos segmentos das artes, que duram entre seis e nove meses e surgem com o propósito de atender as necessidades culturais dos moradores do bairro. As atividades mais procuradas são a capoeira, a dança árabe, o canto coral, as aulas de violão e os bailes, que têm maior popularidade entre os idosos.

Durante a visita da reportagem, acontecia a oficina de capoeira do grupo Mangangá, na qual os alunos se empenhavam em aprender desde a parte funcional até a cultura e a musicalidade envolvidas nessa forma de expressão artística. Há cerca de seis

anos, a vendedora Geane Heleno de Almeida, 43, começou a frequentar a Casa de Cultura quando buscava uma atividade para seu filho e se interessou pela capoeira. “Eu gostava da música, comecei a entrar para incentivar ele e me apaixonei. É muito importante o que eles fazem aqui, a gente se diverte e trabalha o corpo e a mente”, contou Almeida.

O instrutor de capoeira Diego Baéz, 44, chegou na Casa de Cultura como aluno e acredita que a didática oferecida pelo local, baseada na inclusão social e nos reforços positivos, faz com que o aluno se sinta confiante e melhore sua autoestima. “Eu cresci aqui dentro e isso ajudou muito na minha autoconfiança e na capacidade de incentivar outras pessoas. Hoje, como instrutor, tento passar para todo mundo o que me passaram aqui”, afirma Baéz.



Grupo Mangangá na ginga da capoeira, 2018

Muito além do samba, um ato de militância

Samba da vela reúne tradição, espiritualidade e música ao vivo todas as segundas



Chapinha em seu discurso ritmado, 2018

Luanna Albuquerque
Pietro Camargo

Em atividade desde 2000, o Samba da Vela, que acontece na Casa de Cultura Santo Amaro, ganha vida todas as segundas-feiras às 20h30 pela Comunidade Samba da Vela. A celebração é uma demonstração artística de resistência do ritmo brasileiro. Em vigor há dezoito anos, o projeto surgiu com o intuito de deixar viva a cultura do samba através de rodas de músicas autorais e com a imprescindível participação do público, que é incentivado a se envolver e se apresentar no evento.

Além da expressão artística, os idealizadores do projeto, Chapinha e Caio Prado, veem no Samba da Vela a chance da expressão militante e política, e têm em mente desde o começo restaurar a autoestima dos moradores de Santo Amaro, assim como trazer ao evento uma pluralidade de perfis e idades. Na Comunidade, todos têm voz e encontram palco para expressar suas ideias e ideais. Assim, a festa começa quando a chama da vela é acesa e só termina quando a mesma se apaga, cerca de três horas e vinte músicas depois de seu início.

A criação do projeto vem de diversos objetivos. O principal é fazer com que o samba nunca venha a desaparecer. Exatamente por isso que montaram uma roda de compositores. Incentivando o compositor do samba tradicional para que ele possa dar continuidade a essa cultura.

“Claro que temos o lazer e o entretenimento em mente, mas sempre com um viés cultural e tradicional” avalia José Marilton da Cruz, mais conhecido como Chapinha, um dos idealizadores do Samba da Vela.

“Na cena cultural de Santo Amaro o Samba da Vela não gera um pacto cultural muito significativo, já que a maioria das pessoas que recebemos são oriundas de outros lugares. Não existe uma divulgação da prefeitura, por exemplo. E ainda existe um preconceito muito grande. Estamos em uma área burguesa, quase como um bairro nobre da Zona Sul. A falta de frequência do público de Santo Amaro é justamente por a maioria ser de classe média e classe média alta. Os moradores da periferia daqui também não costumam frequentar. Nesse caso acredito não ser por preconceito da parte deles, mas sim por ignorância e falta de cultura, infelizmente.”, afirma Caio Prado.

Resistência

Caio acredita no Samba não como apenas forma de arte, mas também como resistência política, fazendo questão de abordar certos assuntos nas rodas semanais.

“O samba não é apenas algo temático e caricato, ele tem um valor histórico de suma importância que não se desassocia do negro, da militância e da religiosidade. Além da música, nós acreditamos no gênero como um estilo de vida e ética. Ele não só proporciona uma formação artística para as pessoas, mas proporciona também uma formação cidadã.”

Como grande movimento cultural, o Samba da Vela atrai em todas as suas edições pessoas diversas, desde turistas até famosos. Chapinha evidencia que é, principalmente, o público externo ao bairro os responsáveis por atrair espectadores à noite na Casa de Cultura, contando ainda sobre a participação de grandes nomes como Betty Faria. Montado quase como uma cerimônia, a roda de samba tem suas cadeiras voltadas ao centro para a acústica do lugar ter sua melhor qualidade e ponto de atenção. Ambiente que oferece além da música, adicionando uma espiritualidade ao local trazendo consigo um carinho nos detalhes, como por exemplo, a refeição ao final de cada reunião para todos os músicos e todos os espectadores.

A cultura envolvida no lazer

Um lugar para se divertir e obter conhecimento através da cultura



Playground. (Foto: Viviane Martins)

por Viviane Martins

O Parque Municipal do Cordeiro Martin Luther King, está localizado na zona sul de São Paulo, inaugurado em setembro de 2007, possui uma infraestrutura com pista para caminhada, playground, teatro de arena, livros disponibilizados para a leitura no parque, gramado para atividades recreativas, praça e uma área para cães, desde que conduzidos com coleira e guia.

O parque é dividido em dois setores: o setor oeste com pedrisco de caminhada e/ou corrida, destaca-se também a recuperação e o enriquecimento ambiental com plantio de espécies nativas. A vegetação do setor leste é composta por área ajardinada e arborização esparsa.

Na área verde a Coca-Cola Brasil e a ONG SOS Mata Atlântica promoveram uma etapa do projeto Geração + Verde, a ação realizada com apoio da Prefeitura de São Paulo, teve como objetivo levar educação ambiental para a comunidade e engajá-la na manutenção da vida verde do parque municipal. Débora Soares, diretora do parque, estava acompanhando tudo, e conta: “O plantio das mudas nativas são muito importante para o parque, está sendo um prazer fazer parte disso.”

Lucas da Silva, visitante do parque, diz: “Acho um lugar incrível, muito bonito, bem conservado, espaço para todos, com muita área verde, que eu acho muito importante. Sem falar nas oficinas que o parque oferece, eu sempre venho aqui com a minha família e amigos, eu amo.”

Aos domingos o local chega a receber cerca de 4.000 visitantes, um ótimo lugar de lazer para famílias, com espaço para todas as idades, e claro, com muita cultura envolvida.

Diversidade cultural

Trazendo projetos inovadores desde a década de 1990



Arte Burle Marx. (Foto: Paula Santinati)

por Paula Santinati

O parque público, porém administrado pela Fundação Aron Birmann, é o único parque municipal de São Paulo administrado por uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Ele tem a proposta de preservar o pequeno trecho de Mata Atlântica nativa e é sustentado a partir de doações, eventos corporativos e sociais.

O parque conta com uma área de piquenique, um pequeno lago com nascente, quatro trilhas, obras de arte e a Burleteca, local para fazer empréstimos de livros.

O Gramado Xadrez é um ponto bem visitado no parque, composto por duas espécies de grama, a Esmeralda, sendo o verde mais escuro, e a Santo Agostinho Variegata, ou grama, com seu verde mais claro.

Na horta comunitária do local é possível participar do plantio e colheita de plantas como tomate, acelga e alface. O coordenador do pomar, Mauro Quintanilha, diz: “nossa horta está aberta a todos que queiram participar, principalmente às crianças e alunos de escolas.”

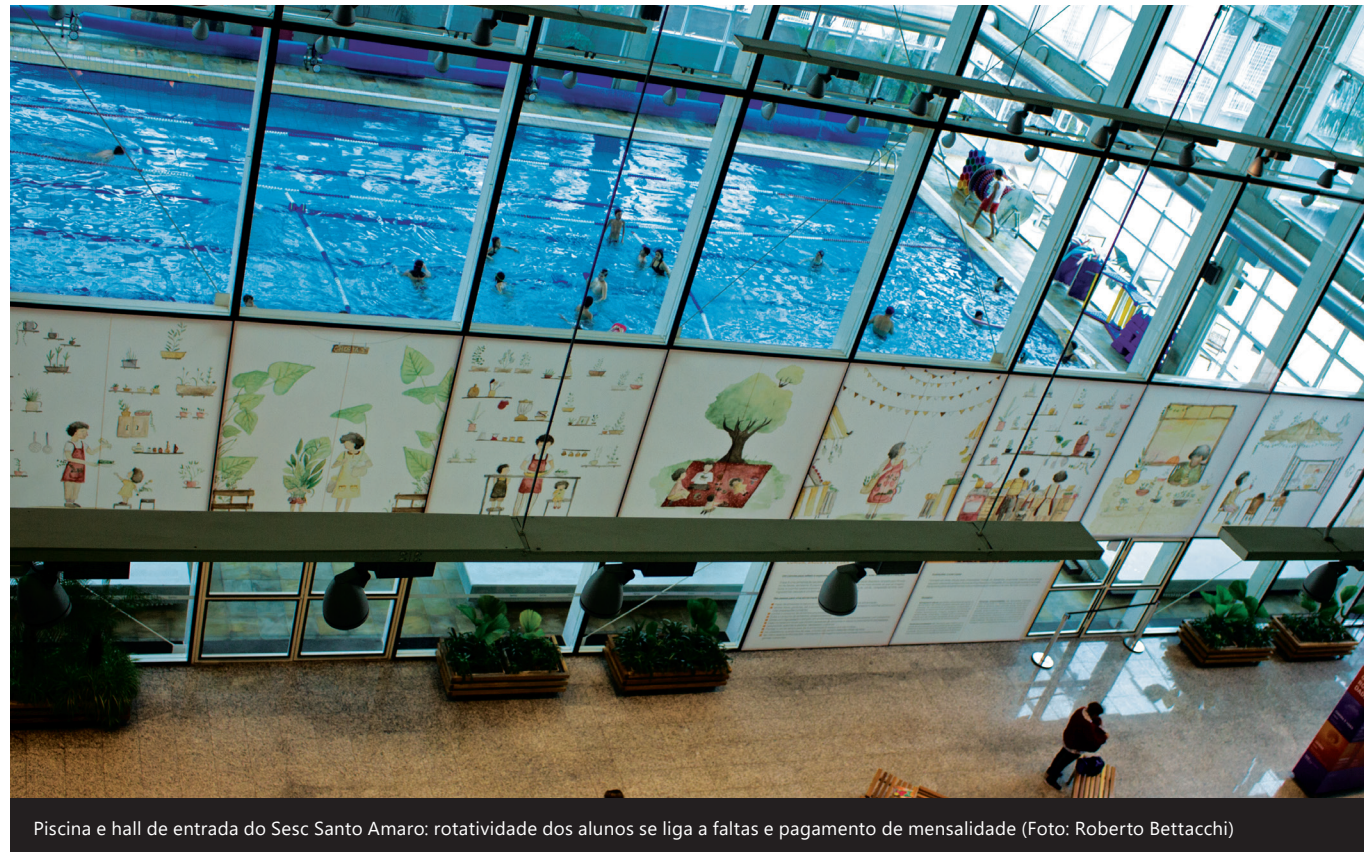
Lá também podemos encontrar diferentes espécies da flora brasileira como Pau-ferro, Jabuticabeira, Pau-brasil, Palmito-juçara, etc. Também existem alguns animais como o lagarto Teiú, a tartaruga Tigre-d'água e a cobra Dormideira.

Além disso, é possível encontrar um festival gastronômico repleto de Food Truck e Food Bike, porém só funciona aos finais de semana e feriados. O espaço é repleto de mesinhas com bancos feitos do reaproveitamento de troncos.

O parque também conta com aulas gratuitas como Hatha Yoga, Capoeira, Thai Chi Chuan, etc. A administradora do local, Carolina Coroa, diz que o projeto não seria possível sem a ajuda de professores voluntários.

Sesc dá prioridade para quem é do comércio local

Matriculados passam por avaliação médica para fazer atividades físicas; espaço acolhe trabalhadores da região



Piscina e hall de entrada do Sesc Santo Amaro: rotatividade dos alunos se liga a faltas e pagamento de mensalidade (Foto: Roberto Bettacchi)

por **Guilherme Assumpção e Roberto Bettacchi**

Localizado na rua Amador Bueno, no coração comercial de Santo Amaro, o Sesc possui opções para quem tem interesse em praticar atividades físicas, com prioridade para quem atua no comércio local. De acordo com a técnica esportiva do Sesc Simone Cilli, a matrícula de novos alunos é simples. “Damos prioridade à credencial plena, que são os trabalhadores do comércio, serviços, bens, turismo e saúde, mas as pessoas que não têm esse cartão podem fazer aula, é só fazer uma credencial de atividades e elas estão liberadas para realizar as aulas”. Hoje, dos 2.800 alunos no Sesc Santo Amaro, 95% são comerciantes.

A unidade tem, hoje, apenas 45 vagas para novos alunos. A rotatividade desses praticantes é motivada por faltas e pelo pagamento da mensalidade. O técnico esportivo Jean Karam Saikal afirma que é muito difícil o Sesc não ter vagas para oferecer, mesmo que alguns cursos, como a hidroginástica, tenham apenas duas vagas para ofertar.

Para conseguir atender o público, há os dias de recreação, nos quais pessoas que querem se divertir e não realizar as atividades orientadas podem usufruir da infraestrutura do Sesc. O aluno Felipe Camargo Barone diz, porém, que “os dias de recreação são muitos limitados”. “Só tem horário sábado à tarde e terça à noite”, critica.

Acolhimento aos trabalhadores

Na região de Santo Amaro, o Sesc recebe, também, pessoas de outras regiões que trabalham por ali. O aposentado Francisco Ribeiro mora na região do M’Boi Mirim, também na zona sul, e vai ao Sesc para praticar o seu condicionamento físico.

Algumas das atividades que o Sesc oferece são gratuitas e, por isso, Simone garante que a crise que o Brasil enfrenta não alterou a busca e a presença de interessados nas práticas físicas. O matriculado que realiza atividades físicas por duas vezes na semana recebe o direito de utilizar o Sesc aos sábados e domingos. Todas as atividades propostas pelo Sesc são monitoradas por profissionais de educação física.

Centro esportivo oferece lazer gratuito a moradores

Hoje, 1,3 mil pessoas frequentam o espaço regularmente

por **Izabella Macedo e João Loures**

A cidade de São Paulo conta com 46 centros esportivos municipais com atividades físicas gratuitas. O Centro Esportivo Joerg Bruder, localizado em Santo Amaro, zona sul de São Paulo, é um dos principais polos de atividades esportivas do estado. Inaugurado há mais de 40 anos, o centro recebe o nome de um importante velejador brasileiro que, durante sua carreira, promoveu o nome do Brasil no exterior por meio do esporte.

O clube conta com uma área de aproximadamente 30 mil m² com atividades e opções de esportes para a população santamarense. Todas as aulas são ministradas por profissionais formados com o auxílio de estagiários e voluntários parceiros de algumas instituições, que doam horas do seu tempo ao centro. A manutenção dos funcionários e dos materiais esportivos, as reformas e os reparos relacionados ao clube são feitos pela Prefeitura de Santo Amaro, em parceria com a Secretaria Municipal de Esportes e Lazer.

O coordenador de esportes do clube, Wagner Ferreira, explica o funcionamento do cadastro para se poder participar das atividades. “Basta vir até a unidade com o documento de identidade, comprovante de endereço e cartão do SUS e pronto. Nós fazemos a carteirinha na hora com foto e de

forma gratuita. Após passar pelo exame médico, ele já está apto a atividades de sua escolha”, comenta.

Para todas as idades

Hoje, o clube tem capacidade para atender aproximadamente 1.400 pessoas dentro das modalidades oferecidas, sendo que 1.300 já possuem a carteirinha e praticam as atividades regularmente no centro. A faixa etária dos associados vai dos 17 aos 86 anos de idade.

Carmem Barra, professora de vôlei de todas as idades, comenta as atividades oferecidas no centro. “Ao contrário do que se pensa, a atividade adaptada é para que os associados da melhor idade não se machuquem e, ainda sim, possam praticar esporte.”

Aparecida de Souza, 70, associada do clube há 15 anos, comenta que as atividades que realiza diariamente têm melhorado sua saúde. “Desde que comecei a fazer a hidroginástica e o vôlei adaptado quase não preciso mais ir ao médico, não tenho mais dores e vivo muito melhor”, comenta.

As modalidades oferecidas são: Badminton, Futebol Society, Ginástica Geral, Ginástica Artística, Hidroginástica, Kong Fu, Natação, Tai Chi Chuan, Tênis, Vôlei, Vôlei Adaptado, Boxe, Judô, Zumba, Dança Livre, Karatê e Tênis de Mesa.



Quadra de esportes Joerg Bruder (Foto: Izabella Macedo)

Clube Hípico projeta esporte em escala nacional

Conhecido por seus cavaleiros e amazonas, espaço também acolhe projeto de equoterapia que atende 200 pessoas

por **Laura Castro**

O esporte equestre surgiu no século XIX e funciona como uma competição com várias provas, incluindo adestramento, saltos, volteio (ginástica sobre o cavalo) e corrida. Fundado em 1935 e rodeado pela Mata Atlântica, o Clube Hípico de Santo Amaro se destaca por levar essa prática até o bairro.

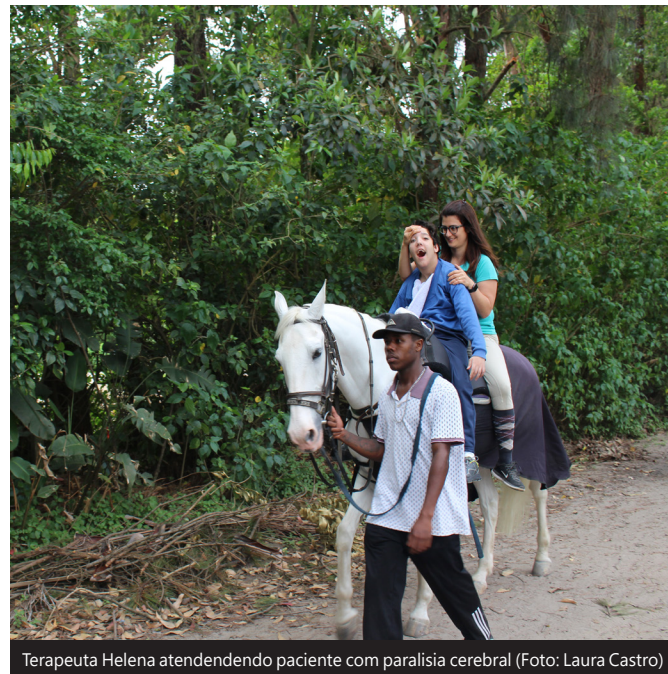
A visitação não é aberta ao não sócio, exceto nos torneios. “O atrativo para o público comum é ver as provas, até porque o hipismo não está no dia-a-dia do brasileiro”, explica Carla Garcia, da secretaria administrativa do clube. Ela diz que, para começar o esporte, antes de tudo, é preciso gostar do cavalo. “Estar com o animal tem que ser algo que te encante. O cavalo tem um carisma ímpar e consegue ajudar muito as pessoas”, afirma.

Os custos são altos para manter o animal e se associar ao clube. A mensalidade familiar, que inclui a baia do cavalo e tratador, é de R\$ 2,5 mil - isso se o cavalo não ficar doente. Carla brinca que esse valor serve apenas “para entrar e falar bom dia”. Quando a pessoa participa de prova, deve pagar para se inscrever e, se não for do clube, ainda tem o transporte, a cocheira, sua hospedagem e a do tratador.



Treino de salto no C.H.S.A durante semana (Foto: Laura Castro)

Na hípica, existem outras atividades, como a equoterapia - método de terapia com cavalos que estimula o desenvolvimento mental e físico, voltado a pessoas com patologias como paralisia cerebral, Síndrome de Down, autismo, sequelas de acidente vascular cerebral (AVC) e crianças com problemas comportamentais. Além do tratamento privado, o Centro Hípico tem convênio com a Prefeitura de São Paulo, atendendo 45 pacientes.



Terapeuta Helena atendendo paciente com paralisia cerebral (Foto: Laura Castro)

TERAPIA

O coordenador do setor, Fernando Guimarães, conta que o paciente encontra no cavalo um amigo e tem um retorno rápido por conta do prazer. “É bem lúdico. Para eles não estamos fazendo uma terapia, estamos brincando em cima do cavalo”, explica. Das 200 pessoas que a hípica atende, 80% são crianças, a maioria com paralisia cerebral. Guimarães diz ser muito particular a velocidade do resultado para cada um e que antigamente dava alta, mas explica que hoje não faz mais isso. “Se a terapia com o cavalo faz bem para o paciente, por que tirar? O que faço é dizer até onde consigo evoluir e ver se a família quer continuar.”

A terapia não é barata: a mensalidade chega a R\$ 688. No entanto, o coordenador afirma que não deixa de atender ninguém. “Atendemos por meio de apadrinhamento, quando a pessoa não pode pagar, ou pelo convênio que temos com a prefeitura”. Fernando também explica que, quando a família entra em contato diretamente, pode-se negociar um valor simbólico com autorização da diretoria.

Os atendimentos são de terça-feira a sábado, e a sessão com cada paciente acontece uma vez por semana, com duração de 30 minutos. Dependendo da necessidade do indivíduo, anda-se em diversas posições; cada posicionamento cuida de uma habilidade motora.

Cada vez mais popular, rúgbi sofre com falta de incentivo

Time fundado por Charles Miller, pai do rúgbi brasileiro, atua em centro atlético localizado na zona sul da cidade



Treinamento do time feminino do SPAC Rúgbi (SPAC Girls): centro foi um dos primeiros do País a disseminar o esporte. (Foto: João Crispim)

por **João Crispim e Luciano Massi**

O São Paulo Athletic Club (SPAC) é um clube paulista fundado por Charles Miller, conhecido popularmente por trazer para terras brasileiras o futebol, esporte de origem britânica. Mas foi no SPAC que Miller difundiu outra prática não tão famosa por aqui: o rúgbi. Basicamente, a ligação entre o bairro localizado às margens da represa Guarapiranga e o esporte britânico existe pelo fato de Santo Amaro abrigar um dos primeiros times de rúgbi que se tem registro no País. O local foi escolhido por ser afastado e com grande área verde para receber campos de futebol, rúgby e críquete.

Hoje o SPAC é uma referência sobre esse esporte, mantendo equipes até hoje. Em entrevista, o jogador olímpico da Rio 2016 e treinador do SPAC André Luiz Silva, apelidado de “Boy”, diz que a falta de incentivo desse desporto é enorme. “Eu mesmo não sabia da sua existência e só descobri utilizando a antiga rede social Orkut, por meio de uma amiga dele que já praticava rúgbi no SPAC. A partir daí começou a minha paixão pela prática, e o meu empenho foi tanto que em 2011 consegui uma vaga na seleção brasileira”, lembra.

“A falta de incentivo afeta muita coisa, pois nós arcamos com a maioria dos gastos e, atualmente, não são todas as meninas que têm condições”, diz Marcela Menezes, de 23 anos, jogadora do time feminino de rúgbi, o SPAC Girls. Segundo ela, é errado achar que a falta de fomento desse esporte é recente, pois “desde sempre” não há atenção devida.

De acordo com Boy, “um dos métodos que ajudaria de certa forma no incentivo seria se o

colocassem na grade curricular das escolas assim como o futebol, que é disseminado em todas as escolas do País.”

O SPAC faz visitas nos colégios da região de Santo Amaro na tentativa de propagar a prática, oferecendo clínicas para os alunos e ensinando regras e técnicas do rúgbi. “Dentro do próprio clube há pessoas que não têm condições de arcar com as mensalidades, mas que conseguiram uma ‘bolsa’ para jogar pelo time.”

Ainda segundo Boy, um dos grandes diferenciais do esporte da bola oval em relação ao futebol é o vínculo com o time. “Quando você começa a jogar em um time, quer jogar nele até o fim de sua carreira, algo como orgulho e paixão pela camisa”. Outra jogadora do time feminino, Gabriela Fernanda, de 23 anos, concorda com a fala de seu treinador. “Comecei com 17 anos e tive que me abster da prática durante quatro anos e meio, porque fui fazer faculdade em Santos, mas nunca me afastei do time durante esse tempo e acabei voltando esse ano”, relata.

HISTÓRIA

Charles Miller preferiu o futebol e seguiu carreira nessa área. O legado do rúgbi ficou para outros praticantes que se destacavam vestindo a camisa do SPAC, como Charles Rule, Pryor, Littell, Ferris e Haynes. Posteriormente, o time da capital paulista serviu de base para os primeiros jogos da seleção brasileira de rúgbi, em 1932. Somente em 1963 foi instituída a União de Rúgbi do Brasil, que atualmente é denominada Confederação Brasileira de Rúgby (CBRu). Os praticantes não moram no bairro; a maioria vem da zona sul para praticar.

Negligência Ciclovitária

Falta de cooperação da prefeitura elevam falta da estrutura ciclovitária causando acidentes em Santo Amaro

por Beatriz Colósio

Impulsionados pela “febre” das ciclofaixas iniciada em 2012, pela gestão de Fernando Haddad, o número de ciclistas na capital paulista só aumenta. Seja pela busca de uma vida saudável, ou até mesmo para economizar um dinheiro. Atualmente estão disponíveis 498,3 km de malhas ciclovitárias por toda cidade, porém a manutenção da prefeitura deixa a desejar, faltam conexões entre as faixas, há deteriorização nos pequenos postes que delimitam o espaços dedicados à prática, aumentando a insegurança para utilizar-se desse serviço.

Em Santo Amaro as primeiras 5 ciclofaixas chegaram em 2013, porém elas não são conectadas. Thomas, um dos fundadores do grupo Bike Zona Sul (Coletivo Regional de Ciclistas) conta que não há condições de se andar com segurança em Santo Amaro “O bairro possui algumas ciclofaixas, mas são poucas e não há conexões . A falta dessas junções comprometem a segurança dos ciclistas, obrigados a alternar entre trechos seguros quando há faixas e perigosos quando elas simplesmente “desaparecem” no encontro de uma via e outra.”

Thomas ressalta, “ Todos os atropelamentos que se tem notícia, na região, são fora das ciclofaixas e ciclovias.”

“O bairro possui algumas ciclofaixas, mas são poucas e não há conexões . A falta dessas junções comprometem a segurança dos ciclistas, obrigados a alternar entre trechos seguros quando há faixas e perigosos quando elas simplesmente “desaparecem” no encontro de uma via e outra.”

Thomas ressalta, “ Todos os atropelamentos que se tem notícia, na região, são fora das ciclofaixas e ciclovias.”

Sobre como ocorre o diálogo com a prefeitura Thomas afirma ter um pouco de dificuldade atualmente nessa gestão.

“ Nas discussões com a prefeitura até o final da gestão (Fernando) Haddad, a gente tinha reuniões quase que mensais com a CET e Secretaria dos Transportes, sugeríamos rotas, analisávamos rotas propostas, ligando, por exemplo, terminais de ônibus, estações de metrô, bicicletários e outros pontos estratégicos. E tínhamos um dialogo muito bom, mas depois que João Doria e, agora, Bruno Covas, assumiram, basicamente não existe esse diálogo. Ainda temos algumas reuniões, mas são pouquíssimas.”



Ciclofaixas são bastante criticadas pela população de Santo Amaro (Foto: Beatriz Colósio)

A capoeira como luta social

Associação Cultural Corrente Libertadora trabalha para retirar jovens da criminalidade através do esporte



Capoeira torna-se uma ferramenta para auxiliar as pessoas que se encontram em situações perigosas (Foto: Jefferson Campel)

por Jefferson Campel e Mariana Guerra

A capoeira é uma forma diferente de libertação da realidade vivida por diversas pessoas. A Associação Corrente Libertadora de Santo Amaro entende a capoeira como manifestação cultural, mesmo tendo seu lado esportivo.

É uma associação que, além de oferecer aulas e oficinas de capoeira e maculelê, tem parceria com outras entidades beneficentes que ajudam a comunidade com projetos sociais. Eles começaram como uma academia de capoeira com Mestre Mauricio em 1973. No ano de 1975, Eufrásio juntou-se ao grupo e colocou em pauta os valores culturais da capoeira, e, então, a academia de capoeira passou a ser uma associação que também participa ativamente de projetos sociais para a comunidade, atuando com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e risco social na zona sul de São Paulo, tendo como estratégia de intervenção o ensino e a prática da capoeira.

Em seu nome, a associação já reflete todo um trabalho de resistência desde sua inauguração. Quando o trabalho foi iniciado não era possível colocar a palavra “capoeira” devido à marginalização das autoridades em tempos de ditadura; por isso passou a se chamar Corrente Libertadora, nome carregado até hoje.

Atualmente, Eufrásio Modesto Alves, o mestre Tigrão, é quem administra o centro. Irmão mais novo de Mauricio, Tigrão começou a frequentar a associação em 1976 e faz o trabalho de mudança de panorama de diversos alunos em situação de risco, com a ajuda de fonoaudiólogos e voluntários.

“Eu preparo os meninos aqui para a comunidade, porque aqui é um espaço de formação... eu considero que o trabalho foi bem feito quando os meninos saem e só voltam para agradecer”, afirma o mestre Tigrão.

A capoeira tem uma curiosidade especial: a difusão da língua portuguesa através do esporte. Todos os mestres de capoeira que dão aula pelo mundo tem que falar o português.

“Considero que o trabalho foi bem feito quando os meninos saem e só voltam para agradecer”

Além de tudo, a instituição enraíza os valores da capoeira. Em conversa, o aluno Yossi Kagamito, de 12 anos, confessa que ingressou na capoeira para “bater em todo mundo”, mas aprendeu que é preciso ter disciplina para não usar a capoeira como um modo de propagar a violência, visto que é um esporte historicamente discriminado.

INCLUSÃO ESPECIAL

Mesmo focando seu trabalho em menores marginalizados, a ONG também trabalha com pessoas com deficiência, tendo aulas estrategicamente preparadas em um dia da semana para autistas e portadores de síndrome de Down. Segundo Tigrão, as brincadeiras e os cânticos, junto à interação com outras pessoas, auxiliam intensamente no desenvolvimento dos indivíduos.



**Universidade
Anhembi Morumbi**

LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES*